



# REVISTA

# da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria / Setembro - Dezembro 2012 / 3ª Série / Ano VII / Nº 28

## Carros de Combate no Exército Português (1ª Parte)



## A Cavalaria do Exército Brasileiro

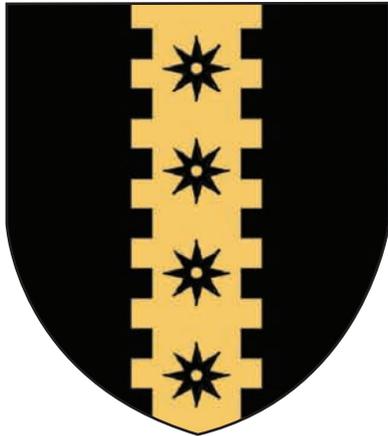


### E ainda:

- O Batalhão de Infantaria nas missões de Cerco & Busca.
- Prova de Aptidão Física das Forças Armadas Alemãs ... no ex-RC4.
- Equitação Militar: Formação de formadores  
- o modelo de formação actual.
- Perceções e Reflexões.



## BRASÃO DE ARMAS



### Descritivo do Brasão de Armas

#### Armas:

- Escudo de negro e uma pala bretessada de ouro, carregado de quatro rosetas de negro;
- Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra;
- Correia de vermelho perfilada de ouro;
- Paquífe e virol de negro e ouro e de prata;
- Timbre: um cavalo sainte, erguendo o escudete da Brigada Mecanizada;
- Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, minúsculas, ao estilo elzevir: “DE NADA A FORTE GENTE SE TEMIA”.



#### Simbologia:

- O NEGRO do campo representa a terra por onde a bravura e galhardia dos nossos antepassados trilharam o caminho da honra e da glória;
- A PALA bretessada de OURO lembra o rasto do trilho das viaturas mecanizadas, aludindo à natureza das unidades da Brigada Mecanizada que constituem o Agrupamento Índia, rasgando no NEGRO da terra o caminho da Honra e da Glória;
- As MOLETAS evocam as esporas de ouro, que após um feito de armas, solenemente eram entregues àqueles que, jurando não recear a morte, eram armados cavaleiros; o seu número é uma alusão ao antigo Regimento de Cavalaria Nº4, antecessor do atual Quartel de Cavalaria da Brigada Mecanizada, unidade responsável pelo aprontamento e organização do Agrupamento Índia e das quatro unidades da brigada mecanizada que contribuem com forças para o Agrupamento, GCC, EREC, GAC e BAAA;
- O CAVALO alude às características de mobilidade e proteção blindada dos materiais que equipam o Agrupamento Índia;
- O ESCUDETE da Brigada Mecanizada representa a Grande Unidade mobilizadora do Agrupamento Índia;
- A DIVISA “*DE NADA A FORTE GENTE SE TEMIA*”, (LUSÍADAS, Canto I), alude ao carácter da missão do Agrupamento Índia e afirma a confiança no cumprimento da mesma;
- Os esmaltes significam:
  - O OURO, a nobreza de carácter do militar português e a firmeza da sua conduta;
  - O NEGRO, a constância na adversidade e o senso necessário na ação.



# Editorial

Todos os artigos que são publicados na revista são importantes, por diversas ordens de razão. No mínimo, por refletir a vontade de alguém partilhar conhecimento de forma a manter viva a cultura própria da Arma. Na sua maioria os artigos têm sido escritos por militares da nossa Arma, salvo raras exceções, e com especial atenção a assuntos de natureza técnica e tática, conforme os objetivos da Direção da Revista.

Neste número são publicados artigos de militares da Arma de Infantaria e de militares do Exército Brasileiro. Este facto valoriza esta publicação pois permite o contacto com outras realidades quando é um facto de que a nível conceptual e doutrinário, por norma, as atenções se focam na doutrina e experiências do Exército dos EUA.

Assim, o artigo escrito por camaradas de Armas do Exército Brasileiro mostra a realidade da cavalaria Brasileira, realçando os factos mais importantes da sua evolução até aos nossos dias. É importante destacar o papel que o TCor Cavalaria/ Brasil Eduardo Migon,

que tem vindo a realizar esforços no sentido de haver maior cooperação na publicação de artigos entre revistas deste género, nomeadamente ligados a assuntos da Arma de Cavalaria. O TCor Migon frequentou o Curso de Estado-maior Conjunto em Portugal, teve a possibilidade de visitar todas as nossas Unidades de Cavalaria, é portanto conhecedor da nossa realidade e demonstra assim as oportunidades que se obtém com as formações académicas entre Países.

O segundo artigo é da autoria de um oficial da Arma de Infantaria que aborda o tema do Batalhão de Infantaria nas Operações de Cerco e Busca, com foco nas técnicas, táticas e procedimentos. No fundo o artigo pretende identificar quais as necessidades organizacionais e de treino a adotar por unidades de escalão Batalhão e respetivas subunidades para a condução deste tipo de operação. O autor aborda quatro realidades distintas, sendo uma delas a do Kosovo em 2001, numa altura em que o Agr Delta/KFOR estava naquele Teatro de Operações e onde o autor retira algumas das experiências vividas por aqueles militares neste tipo de operação.

De destacar também que pela segunda vez consecutiva são publicados artigos escritos por camaradas de Infantaria, e seria bom que esta tendência se mantivesse, pois demonstra o reconhecimento desta revista como uma publicação que permite a publicação de artigos de carácter técnico e tático e que, contribua para a discussão destes mesmos assuntos!

Boas Leituras!



MAJ Cav PAULO SERRANO  
IESM



**Mafra, 23 de Janeiro de 2013**

Exmo Senhor Director da “Revista da Cavalaria”, caríssimo TCOR Miguel Freire;

Acabei de receber o nº 27 da nossa Revista, referente ao quadrimestre Maio – Agosto de 2012.

Em primeiro lugar felicito-te pela qualidade da revista e dos artigos que nela vêm a ser publicados e isso deve-se à linha editorial traçada e ao empenho dos autores dos artigos. Parabéns!

No entanto, no que a este número em particular diz respeito, há dois artigos que prenderam um pouco mais a minha atenção, levando-me a não concordar com grande parte do que lá está escrito, ainda que reconheça a coerência dos autores e a forma cuidada como os assuntos foram colocados.

O primeiro é da autoria do meu querido amigo (e camarada de curso) TCOR Carmo Costa, sendo o segundo da autoria de quatro Capitães da Arma de Infantaria (Jorge Pereira, Pedro Cavaleiro, Bruno Oliveira e Pedro da Costa).

No caso do primeiro artigo, não me irei alongar, já que haverá uma resposta por parte do CMEFD. Contudo, penso que o modelo proposto pelo autor é centrado, essencialmente, no formador e na sua certificação pelas entidades civis competentes, enquanto o modelo hoje em vigor se encontra centrado no “cliente” do nosso produto final, isto é, nas necessidades do Exército Português.

É óbvio que, de acordo com estas duas visões (*processos vs satisfação do cliente*) o modelo de formação

é distinto, sendo que, sobre essa diferença, se centrará a resposta por parte da entidade responsável pela formação de formadores de Equitação no nosso Exército. No entanto, convém frisar que, no meu entender, os dois modelos são defensáveis do ponto de vista conceptual e ambos têm vantagens e inconvenientes.

Quanto ao segundo artigo, serei um pouco mais longo, sendo ele, de facto, a principal razão para ter escrito esta carta.

Caro Freire, o que direi a seguir é muito um estado de alma, sobretudo por causa dos mais de 26 anos como Oficial de Cavalaria (e mais de 31 a servir o Exército).

Lembro-me de, no início desta 3ª Série da nossa Revista, ter escrito alguns artigos onde, baseado na metodologia “Velocity Management”, defendia a concentração de meios e apontava para o agrupamento por (então chamados) sistemas funcionais do campo de batalha. Também me lembro da controvérsia que tais artigos geraram... Todavia, o conceito que eu defendia, e que hoje ainda considero como mais eficaz, é o da co-localização de componentes das diversas Armas e Serviços do nosso Exército. Quero eu dizer com isto, juntar o que é comum, mantendo separado o que é específico.

A minha opinião apontava para Unidades, da Manobra por exemplo, onde se co-localizassem Subunidades de Infantaria, de Carros de Combate e de Reconhecimento, sendo comum o referente ao apoio administrativo-logístico, à parte geral da formação, etc., mantendo separado o específico do Reconhe-

cimento, dos Carros ou da Infantaria. Quero eu dizer que, no meu conceito, a identidade da Arma seria preservada, assumindo que o todo resultante do emprego conjunto destes subsistemas do sistema funcional “Manobra” seria sempre superior à soma das partes.

Lendo o artigo em causa, parece-me ver que os nossos Capitães querem ir muito mais além. Eles defendem o fim da Arma de Cavalaria, amalgamando-a com a Infantaria numa função de combate chamada Movimento e Manobra. Abrindo aqui um pequeno parêntesis, também esta designação me causa alguma inquietação já que, desde os meus bancos da Academia Militar, aprendi que Manobra é o resultado de “Fogo e Movimento”, o que me leva a pensar que “Movimento e Manobra” deva ser qualquer coisa como “Fogo e o dobro do Movimento”...

Fechado o parêntesis e voltando ao artigo, pressinto, da leitura que faço, que os autores assumem que um modelo criado de base, com formação uniformizada, treino uniformizado levará a uma maior eficácia no emprego da Unidade. Ou seja, não há soma de partes já que se parte, sempre, de um todo...

Os jovens quadros da função de combate “Movimento e Manobra” (no artigo não o refere, mas deduzo que o modelo fosse também aplicado aos Sargentos) seriam especialistas nas diversas componentes dessa função. Pelos vistos, ir-se-ia substituir a identidade da Arma pela da componente (para quê?)... Iríamos ter os especialistas em Carros de Combate (já os temos, são os graduados de Cavalaria) e os especialistas em Infantaria Mecanizada (também já os temos...). Claro que no artigo não foi referido o Reconhecimento, a Infantaria Ligeira (Motorizada), as Operações Especiais, a tropa “Comando”, etc., etc., só para referir outras componentes da função de

combate “Movimento e Manobra”.

Se nós já temos isso tudo, num modelo que tem provado funcionar, para quê mudar?

Senão vejamos: formamos os quadros das Armas orientados para o conhecimento dos sistemas de armas respectivos, treinando especificamente quando previsto o seu emprego (em treino operacional ou em ambiente real).

Assumindo a curva da formação, permitimos que os quadros das diversas Armas saibam operar com ajuda os seus sistemas de armas e, quando necessário, para a execução é-lhes ministrada formação/treino, para operar sem ajuda.

**Não podemos assumir que o mesmo Oficial/Sargento vai fazer o mesmo a vida toda, como tal a sua formação inicial deve ser orientada, na minha opinião, para as diversas valências de cada Arma, assumindo o treino/for-**

**mação da especificidade quando a mesma tiver que ser exercida.**

Caro Freire, para completar este arrazoado de ideias desconexas, fruto do tal estado de alma que referi no início, parto do princípio que a partilha de conhecimento enriquece os intervenientes. Quero eu dizer com isto que nós, cavaleiros, treinamos e sabemos à “maneira cavaleira”. Os infantessabem-no e fazem-no à “maneira infante”. Quando treinamos juntos, infantess e cavaleiros, ficamos ambos a saber a “maneira infante” e a “maneira cavaleira”. Não será isso enriquecedor? Não será isso criar sinergias?

A existência *ad initium* de uma formação única é limitadora, castradora e, direi mais, de uma grande soberba, pois indicia que a formação ministrada seja a mais correcta, ou mesmo a única, possível.

Considero, uma vez mais, que o artigo está interessante, bem escrito,

com clareza e com lógica. No entanto, assenta, em meu entender em premissas erradas, com pressupostos falsos e pode ser potencialmente perigoso por, insidiosamente, levar à destruição da Arma de Cavalaria, da nossa maneira de abordar e resolver os problemas, amalgamando-a num único saber.

Penso que o trabalho que foi apresentado pela Revista da Cavalaria cumpre a sua função: Permite-nos discutir estes assuntos.

Agora, é altura de o arrumar numa gaveta, esquecermo-nos dele e deixá-lo morrer...

Para mudar, que seja para melhor... E não me parece que a extinção da Arma de Cavalaria seja uma boa mudança!

*Carlos Nuno Gomes e Simões de Melo*  
Coronel de Cavalaria  
Comandante do CMEFD

**Lisboa, 24 de Janeiro de 2013**

Exmo Coronel Simões de Melo,

Acabei de ler a sua carta e não posso deixar de sentir uma imensa satisfação pois desde o número 1 ou 2 que não lia algo que me convencesse tão genuinamente da importância de haver uma revista da cavalaria. Uma revista onde não pode haver só os monólogos dos autores (se o artigo não provoca uma resposta, então não há diálogo, há um monólogo). Essa ausência de diálogo reflete apenas e tão-somente: 1) a eventual falta de qualidade nos artigos que não desperta o interesse nos leitores; 2) mas, essencialmente, uma certa indiferença e apatia que reina entre oficiais e sargentos da nossa Arma. Folgo, por isso, em ver um Coronel usar a pena e escrever o que lhe vai na alma. A ideia, tal

como escrevi no editorial, é de “pedrada no charco”.

A carta será publicada na íntegra pois é assim que tem que ser. Espero que mais oficiais, principalmente os que têm responsabilidades no que se está a passar no exército e na arma sigam o exemplo do meu Coronel. A ver vamos! Pessoalmente compreendo perfeitamente e concordo, em parte, com o que o meu Coronel escreve. Digo “em parte” porque questiono – do meu profundo sentir de Oficial de Cavalaria que fez toda a vida de subalterno e capitão e quatro anos de TCor na componente operacional – o pressuposto no qual o meu Coronel sustenta a sua argumentação: “Se nós já temos isso tudo, num modelo que tem provado funcionar, para quê mudar?”. Meu Coronel, posso estar enganado, mas não tenho tanta certeza disso. Não quer isto dizer que o preconizado

pelos nossos capitães seja a solução, se calhar estou mais próximo da sua opinião que “apontava para Unidades, da Manobra por exemplo, onde se co-localizassem Subunidades de Infantaria, de Carros de Combate e de Reconhecimento, sendo comum o referente ao apoio administrativo-logístico, à parte geral da formação, etc., mantendo separado o específico do Reconhecimento, dos Carros ou da Infantaria”. Mas a formação não pode ser descurada. Agora, assim como está, não me parece que possamos ir além do “sofrível”, como tem sido a nossa tônica, por muito que os pareceres oficiais digam o contrário.

Um cumprimento de especial consideração.

*Miguel Freire*  
TCor Cav  
Diretor da Revista da Cavalaria



# Exército Português

## Carros de Combate (1.ª parte)

### – CARROS DE COMBATE DE ORIGEM INGLESA

#### 1. INTRODUÇÃO

O carro de combate moderno foi o resultado da necessidade de solucionar o problema da estagnação operacional que, a partir do início de 1915, se verificou na frente ocidental daquela que ficou conhecida na história por Grande Guerra de 1914-18.

Problemas mecânicos, fraca mobilidade e mau emprego tático, limitaram a importância do papel do carro de combate na Primeira Grande Guerra, não obstante o seu contributo para liquidar a guerra de trincheiras.

No período entre as duas guerras (1914-18 e 1939-45), a evolução do carro de combate acompanhou o desenvolvimento das diferentes tecnologias.

As teorias sobre o seu emprego enunciadas por Fuller, LidellHart, De Gaulle e Guderian não tiveram qualquer impacto significativo em Portugal. Se consultarmos a imprensa militar periódica da época, as referências aos carros de combate não passavam de reparos ao grande atraso em que nos encontrávamos. A falta de uma base técnica mínima impedia que se pensasse em carros de combate.

Os primeiros carros de combate que existiram no Exército Português foram adquiridos em 1931 com o objectivo de testar o conceito de utilização das viaturas blindadas.

Eram dois carros ligeiros Vickers de 6 toneladas, um na versão Mk”A”, com duas torres, cada uma armada com uma metralhadora; o outro, na versão Mk”B”, com uma única torre, armada com um canhão de 47 mm e uma metralhadora. Estes dois carros foram atribuídos ao Batalhão de Caçadores N.º 5.

Pouco tempo depois da aquisição destes carros, veio para Portugal um carro de combate Renault NC31, submetido a testes, foi considerado sem interesse.

No seguimento das negociações para a cedência de bases nos Açores, a Grã-Bretanha comprometeu-se a enviar, até Outubro de 1943, o equipamento para completar três divisões e uma força efetiva de defesa aérea. Foi no âmbito deste compromisso que foram recebidos 18 carros de combate “Valentine”, logo seguidos de mais 6. Com estes carros formou-se o Batalhão de Carros N.º 1, na Amadora. Ainda em 1943, foram fornecidos mais 12 “Valentines”.

Em 1946, foram adquiridos 48 carros de combate “Centaur I”.

Depois de, no âmbito da NATO, ter sido assinado o acordo bilateral de defesa de 1951, deu-se o arran-

que da ajuda militar americana. Em 1952, começaram a chegar os carros de combate M-47, M-24 e Sherman M-4 A3, destinados à 1.ª Divisão. Ainda no âmbito desta ajuda, em 1956, foram recebidos carros de combate M-5 A1 (Stuart) e M-4 A1, de origem canadiana, destinados às unidades de segunda linha.

Seguiram-se: a Guerra do Ultramar, com a decadência das unidades de carros e a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Em 1976 voltámos à NATO, com a constituição da 1.ª Brigada Mista Independente, em cuja organização existia um grupo de carros de combate e um esquadrão de reconhecimento, que foram equipados com o Carro de Combate M-48 A5.

Em 1994, foi decidida a substituição dos M-48 A5 pelos M-60 A3 TTS.

Finalmente, em 2007, para substituir os M-60 A3 TTS foram adquiridos na Holanda Carros de Combate Leopard 2A6.

Em resumo, podemos considerar na história dos carros de combate em Portugal as seguintes fases: carros de combate de origem inglesa; carros de combate da divisão NATO; carros de combate de origem canadiana; carros de combate da brigada NATO.



MGen PEREIRA COUTINHO  
 Reforma.





Fig. 4 - CC Valentine MkII  
 Fonte: Wikipedia

Prática de Cavalaria recebeu 6 “Valentine” do RC 3.

A partir de 1953 e até 1956, data em que chegaram os carros de combate ligeiros Stuart M5 A1, os “Valentine” foram utilizados nos esquadrões de reconhecimento dos RC 3, RC 6 e EPC.

Era um carro muito rústico e fiável, um bom servidor. Dispunha de um excelente emissor-recetor (o P19) e de um bom sistema de intercomunicação. A peça de 4 cm (2 pdr), embora obsoleta, era muito precisa e a metralhadora Besa (coaxial) funcionava muito bem. Era vagaroso (velocidade máxima de 24 Km/hora) e tinha uma blindagem máxima de 65 mm.

Na altura, o pessoal das unidades blindadas tinha um uniforme privativo, preto, constituído por: blusão, calças jardineiras e bivaque e estava armado com uma pistola e um punhal, como se pode ver na gravura a seguir:



Fig. 6 – Uniforme privativo do pessoal das unidades blindadas (Ordem do Exército N.º 10 de 1948).

CARRO DE COMBATE VALENTINE					
DADOS GERAIS					
País de Origem: Reino Unido		Tipo: Carro de combate ligeiro			
Data de introdução no Reino Unido: 1940		Guarnição: 3 (Chefe de Carro, Apontador, Condutor)			
Fabricante: Vickers Armstrong, Ltd					
Peso em ordem de combate: 17 Ton		Pressão unitária: 752 g/cm <sup>2</sup>			
Comprimento (peça para a frente): 5,41 m		Largura: 2,64 m			
Altura: 2,29 m		Altura ao solo: 42 cm			
DESEMPENHO					
Motor: Diesel AEC, 6 cilindros					
Potência do motor: 131 hp a 1800 rpm		Torque do motor:			
Autonomia: 140 Km		Capacidade de combustível: 262 litros			
Velocidade máxima: 24 Km/h		Velocidade de cruzeiro: 15 Km/h			
Velocidade TT: 12 Km/h		Vau máximo: 84 cm			
Declive máximo: 60%		Fosso máximo: 1,70 m			
Obstáculo vertical máximo: 70 cm		Estabilização: Não			
Raio de viragem: Pião		Direção: Alavancas, com travamento das rodas motoras.			
Travões:		Declive lateral: ?			
Transmissão: Meadows Tipo 22 c/5 velocidades para a frente e uma para a rectaguarda.					
SUSPENSÃO					
Tipo: Bogies de duas rodas e molas helicoidais		Rodas do trilho: 6 de cada lado			
Roletes guias: 3 de cada lado		Rodas compensadoras: Não			
Rodas motoras: As rodas traseiras		Rodas tensoras: As rodas dianteiras			
Amortecedores: Não					
ARMAMENTO					
Tipo	Campo de tiro		Alcance	Munições	Tipo de munições
	Horizontal	Vertical			
Peça de 4 cm (2pdr)	360°	+25° a -10°	800 m	60	Perfurantes-tracejantes
Metralhadora coaxial Besa 7,92 mm				3.150	
Lança-granadas de fumos 5cm		Fixo		14	Fumos
SISTEMA DE PONTARIA E CONTOLO DE TIRO					
Tipo do sistema: Luneta					
Periscópios: Chefe de carro e condutor		Projetor luz branca: Sim			
PROTEÇÃO					
Blindagem: 8 a 65 mm		Contra incêndios: Extintor portátil			
TRANSMISSÕES					
Rádio e Intercomunicação		Posto de rádio E/R P 19			

Fig. 5 – CC Valentine - Caraterísticas



Fig.7 – Pistola Savage 7,65 mm m/915.



Fig. 8 – Punhal (Punhal dos “comandos” ingleses durante a 2.ª Guerra Mundial).

### c. Carro de Combate Centauro Mkl 27 Ton 5,7 cm m/946

Os “Centauro”, comprados em 1946, eram um carro de combate obsoleto e vieram sem sobressalentes<sup>1</sup>, o que teve reflexos em todos os problemas que deram, e não foram poucos, durante o período de 1946 a 1956/57, em que estiveram ao serviço.

Estava armado com uma peça de 5,7 cm e duas metralhadoras Besa, uma coaxial e outra na proa. A ligação rádio com o exterior e a intercomunicação continuava a ser assegurada pelo excelente P 19. Tinha muitos problemas no trilho, pois as cavilhas que uniam os elos



#### d. Transmissões dos Carros de Combate Valentine e Centauro

Estes carros de combate vinham equipados com o emissor recetor de origem inglesa P 19, um dos melhores equipamentos de rádio da II Guerra Mundial. O equipamento permitia a intercomunicação entre os membros da guarnição do carro e a ligação rádio com o exterior.

Era constituído por dois emissores-recetores e um sistema de intercomunicação:

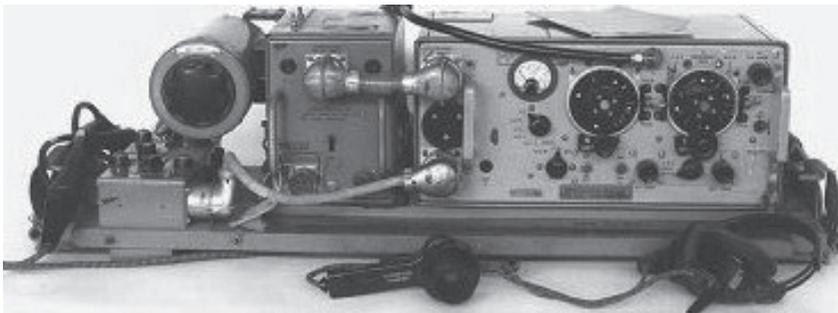


Fig.13 - Emissor-recetor P19  
 Fonte: Manual do equipamento

	Posto "A"	Posto "B"
Frequência	2 a 8 Mc/s (em duas bandas)	235 a 240 Mc/s
Alcance	Com antena de duas seções Fonia..... 16 Km Grafia MCW.....16 Km Grafia CW.....32 Km	Fonia..... cerca de 800 metros

#### NOTAS

- 1 Foi por esta razão que os ingleses se viram obrigados a pô-lo de lado, pois a Leyland não conseguia dar resposta às necessidades de sobressalentes.

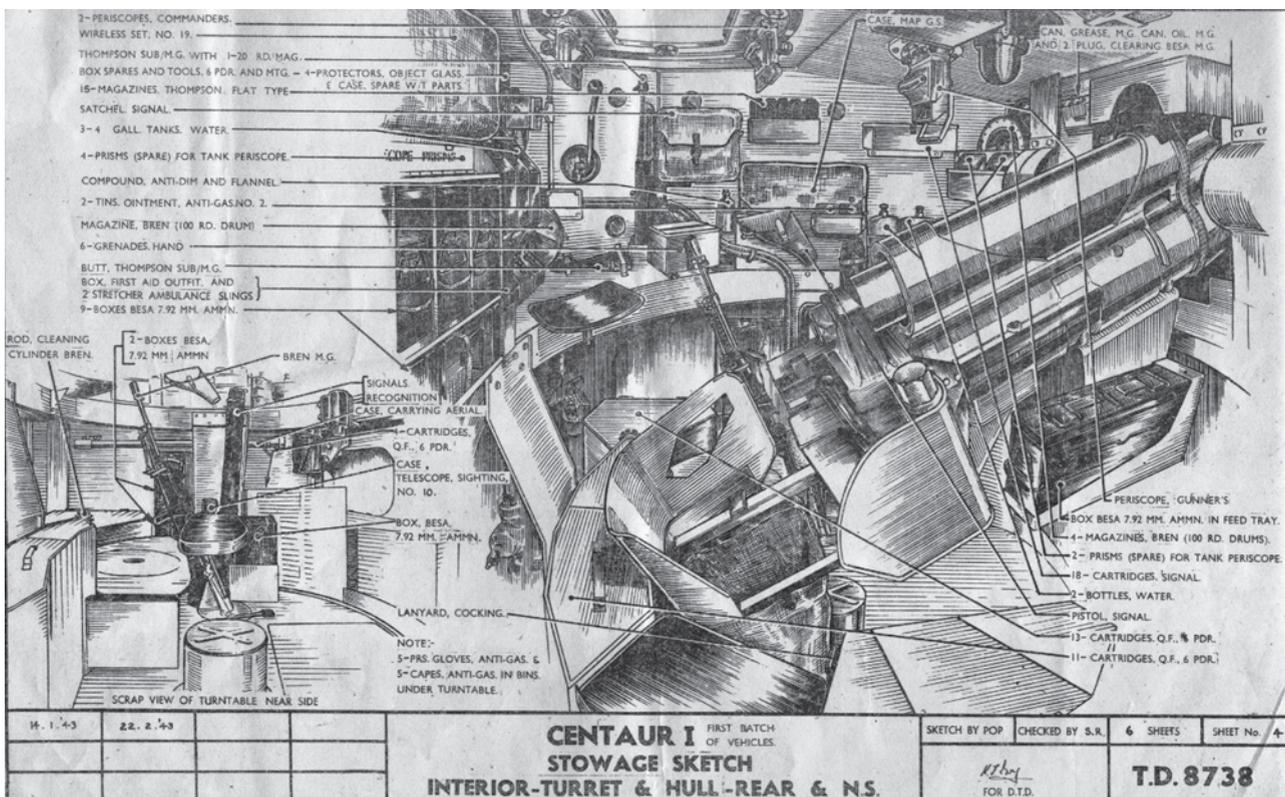


Fig. 14 - Plano de carregamento (interior da torre) do CC Centauro.









### 3. RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Como foi referido na introdução, o ambiente operacional é definido por um conjunto alargado de condições, características e circunstâncias que “afetam o emprego de forças militares e influenciam as decisões do comandante” (IESM, 2010, p. 7). Fatores estes, que são variáveis no tempo e no espaço, tornando-se voláteis num período como o que vivemos presentemente. Assim, os desafios que enfrentam as forças terrestres no atuais TO são decorrentes do seu estacionamento em TO assimétricos, com áreas de operações contíguas e não contíguas, onde o terreno pode variar, desde os campos agrícolas em vales, a terrenos restritivos de montanha. No entanto, constata-se que a maior parte das operações decorrem “*among the people, instead of, around the people*”, onde a ameaça se mistura com a população, usando-a, frequentemente, como escudo (Sidman et al, 2007, p. 1), facto este, que altera a forma como as forças militares empregam a força, em virtude de ser necessário evitar possíveis danos colaterais e baixas entre os não combatentes (NATO, 2010, p. 2-3). A ameaça apresenta características assimétricas, bastante diferentes das ameaças tradicionais e que podem alterar-se ao longo do tempo (NATO, 2009b, pp. 1-1 – 1-2). Estas empregam atividades como o terrorismo, a subversão, a criminalidade e a guerrilha, tentando trazer o combate para os locais e momentos onde o avanço tecnológico e o poder de fogo se tornam irrelevantes (Freire, 2011, p. 5), em que o seu objetivo não é atingir uma vitória militar decisiva, mas sim infligir baixas, minando desta forma o apoio doméstico (Sidman et al, 2007, p. 1), obrigando a



Imagem 3 – Fonte: Brown, Todd, 2007. Battleground Iraq – Journal of a Company Commander

uma maior precisão e discriminação entre população apoiante, locais ofendidos, elementos subversivos e terroristas (Barret-Hennessy, 2009).

Assiste-se, ainda, ao “trazer para os baixos escalões dimensões de responsabilidade, tradicionalmente reservadas aos altos escalões” (Freire, 2011, p. 4), obrigando-os a tomar decisões num espaço de tempo mais curto, equilibradas entre o cumprimento da missão e as necessidades de proteção da força, provavelmente sob os “olhares críticos” dos OCS e de Organizações Internacionais (OI), no seio de uma “teia jurídica”, que lhes define tanto direitos como obrigações.

#### a. Somália, 1993

O envolvimento americano no território da Somália desenvolveu-se ao longo de três fases, inicialmente uma de assistência humanitária, depois uma que combinou assistência humanitária e ações militares limitadas e finalmente uma de imposição de paz, em que o maior problema decorreu do facto de na Somália não existir um governo central, mas sim um grupo de *Warlords*<sup>14</sup>, em que nenhum controlava um conjunto significativo de recursos que permitisse haver estabilidade (McGowan,

1993, p. 23). Estes constituíam uma força descentralizada de bandidos, saídos de diversos clãs, que operavam de forma independente (Kendrick, 1995, p. 34).

As informações eram obtidas, na sua maioria, empregando técnicas de *Human Intelligence* (HUMINT)<sup>15</sup>, junto da população, facto que evidenciou a importância da recolha de informações como uma tarefa comum a todos (Stanton, 1995, p. 13).

No que concerne às variáveis organização e tarefas, as forças<sup>16</sup> organizavam-se em elemento de cerco e elemento de segurança e busca, sendo as operações dirigidas a elementos das milícias ou a locais de reunião de armamento (Patterson, 1999, p. 7). As equipas de cerco tinham como missão estabelecer um anel de segurança, usualmente recorrendo a *Vehicle Checkpoints* (VCP)<sup>17</sup>, nos itinerários de acesso, de forma a isolar a área do objetivo, evitando desta forma a entrada de reforços e dispersando multidões (Patterson, 1999, p. 8). Os VCP também podiam ser operados como posições de bloqueio<sup>18</sup>. Em virtude da existência de grandes áreas abertas, as unidades que eram responsáveis pelo cerco podiam integrar helicópteros, que colaboravam em tarefas de observação



(Stanton, 1994, p. 19), para além de meios pesados, caso estivessem disponíveis, sendo frequentemente empregues viaturas M-2 Bradley (Kendrick, 1995, p. 32).

As equipas de segurança e busca eram responsáveis por estabelecer o cerco interior e pela condução da busca, devendo ter disponível alguns equipamentos especializados, tais como detetores de metais.

Quando as operações eram executadas ao escalão Batalhão, eram frequentemente empregues meios de apoio de serviços e apoio de combate, nomeadamente equipas de transporte<sup>19</sup>, equipas de evacuação, equipas *sniper*, elementos de *Military Police* (MP)<sup>20</sup>, equipas de engenharia, equipas de *Psychological Operations* (PSYOPS)<sup>21</sup> e meios aéreos (Patterson, 1999, p. 7).

Na variável necessidades de treino foram identificadas diversas lições:

- A recolha de informação constitui o “coração” das operações de cerco e busca, devendo ser uma prioridade de treino (Strader, 1997, pp. 8-9).
- A presença de uma ameaça assimétrica (clás e milícias) junto da população dificulta a distinção entre amigo/inimigo (Strader, 1997, p. 8), podendo esta ser usada como escudo, tirando partido das restrições impostas pelas ROE (Patterson, 1999, p. 9).
- O uso de determinados meios como unidades de MP, úteis para controlo de tumultos (Strader, 1997, p. 9), meios aéreos e intérpretes, facilitava a condução das operações, havendo a necessidade de treinos prévios.
- O treino de prestação de primeiros socorros e evacuação de baixas deve ser uma prioridade, devendo ser orientado para os ferimentos sofridos em combate

(Ferry, 1994, p. 37).

- As forças militares devem estar treinadas em técnicas de limpeza de compartimentos, de abertura de brechas em edifícios com recurso a técnicas avançadas<sup>22</sup> e na execução de buscas a viaturas, pessoas e edifícios (Strader, 1997, pp. 10-11). Estas devem, ainda, estar preparadas para as conduzir em condições de visibilidade reduzida (Ferry, 1994, p. 36).
- Os militares a todos os níveis devem ter formação em técnicas de negociação, pois estas são essenciais para o cumprimento da missão. Como o Tenente General Zinni afirmou, “*Always consider negotiations as a great alternative to violence.*” (cit. por Allard, 1995, p. 64). Também importante, de acordo com o *Staff Sergeant* Brian O’Keefe, é ter paciência e bom senso (cit. por Allard, 1995, p. 66).
- Os cenários de treino devem desenrolar-se com a presença de civis, com situações complexas e incertas (McGowan, 1993, p. 25), baseadas nas ROE, que obriguem a força a mudanças de postura e a situações “*shot/not shoot*”<sup>23</sup> (Stanton, 1995, p. 13). As ROE devem ser escritas observando princípios como o da simplicidade, mas também devem incluir uma apreciação de como podem ser empregues em situações de tensão (Allard, 1995, p. 34). Os cenários devem permitir a realização de sessões com fogo real, pois permitem a construção de uma relação de confiança entre os soldados e os seus líderes (Hollis, 1998, p. 34).
- A presença de meios blindados em áreas urbanas proporciona uma resposta credível que a ameaça, de uma forma geral, receia e evita, pois em ambientes em que

existe um grau de ameaça constante, as forças ligeiras perdem a capacidade de se protegerem a si e às outras unidades (Kendrick, 1995, pp. 31-32).

## b. Kosovo, 2001

No TO do Kosovo em virtude de o conflito armado ter terminado há pouco tempo, a população tinha na sua posse um número elevado de armas, sendo estas utilizadas em situações de autodefesa, assaltos, ações de intimidação, comemorações de eventos sociais, entre outros (Freire, 2001, p. 52). Assim, de uma forma natural, a finalidade primária das operações de cerco e busca era desarmar a população.

No que diz respeito às variáveis organização e tarefas, as UEC organizavam-se em comando, unidade de cerco exterior, unidades de cerco e busca, reserva, equipa EOD e secção sanitária (Freire, 2001, p. 54).

O elemento de comando, de forma a manter o comando e controlo, posicionava-se junto à unidade de busca, garantindo a ligação ao escalão superior. Eram também os militares do comando que distribuía alguma ajuda humanitária (Freire, 2001, p. 55), de forma a minimizar os danos morais e ganhar os *hearts and minds*<sup>24</sup> da população.

As subunidades de manobra, que podiam ser de armas combinadas<sup>25</sup>, eram normalmente divididas em unidade de cerco exterior, unidade de cerco e busca e reserva. A primeira tinha como tarefa controlar os acessos à área do objetivo, com a finalidade de impedir a saída e entrada de pessoas e viaturas, recorrendo a VCP (Freire, 2001, p. 55). A unidade de cerco e busca era responsável por efetuar a busca na área do objetivo e o respetivo processamento de pessoal e material. Organizava-se para o efeito como “força-tarefa”<sup>26</sup>, sendo consti-

tuída por elementos de Pelotões de Reconhecimento de Cavalaria ou de Pelotões de Atiradores, que utilizavam tanto viaturas blindadas como não blindadas (Freire, 2001, p. 56).

De forma regular as UEC recebiam uma equipa EOD, que era empregue na deteção de *Unexploded Ordnance* (UXO)<sup>27</sup> e material de guerra abandonado (Freire, 2001, p. 56), podendo em caso de necessidade, receber uma *Tactical Air Control Party* (TACP)<sup>28</sup>, que era empregue no guiamento de aeronaves para demonstração de presença aérea, mostrando determinação na imposição de paz (Durrães, Luís P. et al., 2010, p. 217).

O elemento de apoio de serviços limitava-se à Secção Sanitária, que normalmente se posicionava junto à reserva e dentro da área do objetivo (Freire, 2001, p. 56).

Na variável necessidades de treino, ressaltaram diversas lições:

- Os militares devem possuir a capacidade de interagir com a população, devendo estar familiarizados com algumas regras, de forma a não colocar em causa a presença da força militar, além de permitir a obtenção de informação valiosa.
- É necessário compreender a dimensão e o enquadramento jurídico das intervenções militares, pois simples tarefas como a revista a um edifício podem tornar-se em autênticos “pesadelos legais”, em aspetos como: quem tem autoridade para efetuar buscas, que armas são ilegais ou quem tem autoridade para deter pessoas. Estes aspetos devem ser do conhecimento da força, uma vez que, para além do risco de uma execução menos cuidada, pode ainda contribuir para a destruição de possíveis provas.
- Os militares devem estar fami-

liarizados com técnicas de revista de pessoas e viaturas. Torna-se ainda necessária a presença de elementos do sexo feminino, de forma a evitar possíveis constrangimentos.

- Quando se executam operações com forças de outros países, em virtude da falta de uniformização de procedimentos e dificuldade de comando e controlo, não devem haver misturas de nacionalidades abaixo do escalão Pelotão, sobretudo no caso de operações complexas (Freire, 2001, p. 57).
- Todos os militares, independentemente do seu posto ou função, são elementos de recolha de informações, devendo receber treino específico para o efeito (Freire, 2002, p. 23).

### c. Iraque, 2003/2010

#### (1) Introdução

Em 1 de Maio de 2003, o presidente George W. Bush declarou o fim das operações de combate de grande envergadura. O foco mudou para o desenvolvimento das instituições do governo iraquiano e respetivas forças de segurança, assim como para operações contra as atividades de subversão (Global Security, s.d.). Durante as operações de estabilização foram conduzidas inúmeras operações de cerco e

busca, frequentemente baseadas em informações da população local (Davila, 2010, p. 14). Estas tinham como finalidade a captura de elementos subversivos, simpatizantes ou criminosos, para além da apreensão de armas, explosivos e a recolha de informações (Sutherland et al., 2010, p. 4). A ameaça, que não era exclusivamente iraquiana, tinha como finalidade única, matar militares da coligação, no entanto, podia ter como intenção “viver para combater noutro dia (elementos de guerrilha) ou morrer às mãos das forças da coligação (mártires)” (Cattagnus et al, s.d.).

A intervenção anglo-americana no Iraque assistiu a uma mudança na relação entre militares e OCS, caracterizada pela “incorporação” ou *embedding* de um número elevado de elementos dos OCS nas unidades militares (Pereira, 2005, p. 19).

#### (2) Operações de cerco e busca – 2003/2004

As operações foram conduzidas, na sua maioria, no interior de áreas urbanas, onde a população era amigável e fornecia informações sobre as atividades de elementos subversivos<sup>29</sup> (Murray, 2004, p. 26), sendo de destacar o papel dos líderes de algumas das povoações, que se prontificavam em auxiliar



as forças ocidentais, explicando às populações o que se estava a passar (US Army Combat Studies Institute, 2006, p. 31).

No que diz respeito às variáveis organização e tarefas, a UEC era dividida em elemento de cerco exterior, elemento de cerco interior e elemento de assalto. O elemento de cerco exterior ocupava posições nos itinerários de acesso à área do objetivo, orientando inicialmente a atenção para este, de forma a parar e identificar viaturas e pessoal que se afastavam do mesmo. Após o elemento de cerco interior ocupar as suas posições, isolavam o objetivo, bloqueando os seus itinerários de acesso (Murray, 2004, p. 27). De seguida, ocupava posições junto à área do objetivo, bloqueando a saída de viaturas e pessoal do mesmo, enquanto o elemento de assalto, tipicamente constituído por quatro grupos, garantia a segurança ao ponto de entrada, limpava o objetivo de qualquer ameaça, executava a busca e detinha/apreendia pessoal e material (Murray, 2004, p. 27).

De forma recorrente eram utilizados diversos *enablers*, como equipas de assuntos civis, que conversavam com os líderes locais, obtendo informações sobre as povoações e equipas de PSYOPS, que observavam a população local e distribuíam rádios, que possibilitavam ouvir a rádio local (US Army, s.d, p. 229). Também se tornou frequente o recurso a equipas de *Military Intelligence* (MI)<sup>30</sup>, para “explorar” documentos e materiais encontrados durante as buscas (US Army Combat Studies Institute, 2008b, p. 318).

Relativamente à variável necessidades de treino, as operações eram preparadas com a execução de treinos variados. Para o elemento do cerco exterior, a revisão das ROE, montagem de posições de bloqueio

e a reação a situações variadas<sup>31</sup>. Para o elemento de assalto, revisão das ROE, abertura de pontos de entrada em edifícios e limpeza de compartimentos, com cenários *shoot/not shoot*, execução de buscas e processamento de pessoal e material. A preparação de equipamento específico era comum a todos os elementos (Murray, 2004, p. 28).

### (3) Operação “PITCHFORK” - 2007

A D Company/1st Battalion/12th Cavalry Regiment conduziu diversas operações de cerco e busca, algumas das quais de forma conjunta com a Polícia Iraquiana, caso da Operação PITCHFORK (Davila, 2010, p. 14).

As informações na sua maioria eram obtidas junto da população local, fruto da ação de patrulhas e da Polícia Iraquiana.

A Companhia, para a condução da operação, dispunha do Pelotão de Comando, dois Pelotões de Carros de Combate (CC) e um Pelotão de Atiradores, para além de um conjunto significativo de meios de apoio de combate, atribuídos pelo Batalhão e pela Brigada. Destacando-se uma equipa EOD, encarregue de reduzir possíveis *Improvised Explosive Devices* (IED)<sup>32</sup> e UXO, uma equipa *sniper*, encarregue de observar e relatar possíveis ameaças e se necessário executar fogos de precisão, uma parrelha de helicópteros de ataque AH-64 *Apache*, encarregue de observar um setor e se necessário executar o apoio de fogos à força e uma *Combat Camera Team*<sup>33</sup> (CCT), encarregue de registar a operação. Ainda disponíveis, estavam as forças da Polícia Iraquiana (Davila, 2010, p. 16).

Aos meios disponíveis foram atribuídas as seguintes tarefas: a execução de um cerco exterior, através da montagem de posições de bloqueio, execução de segurança

próxima e busca e *Quick Reaction Force* (QRF)<sup>34</sup> (Davila, 2010, p. 16).

Na variável necessidades de treino, foram identificadas as seguintes lições:

- A utilização de *enablers*<sup>35</sup> revelou ser uma mais-valia, que contribuiu de forma decisiva para o cumprimento da missão. No entanto, há a necessidade de treinos prévios, de forma a integrar as diversas TTP. Destacou-se, entre outras capacidades, o emprego da CCT, que fruto das imagens e fotografias recolhidas, permitiu melhorar o processo de revisão após ação e a ação da equipa *sniper*, que permitiu responder a necessidades críticas de informação do comandante e aumentar a *situational awareness*<sup>36</sup> (SA) (Davila, 2010, pp. 18-19).
- A inclusão de forças da Polícia Iraquiana contribuiu para a melhoria das suas capacidades e aumentou a sua aceitação por parte da população. É necessário que ambas as forças conduzam treinos prévios e que se colmate a diferença de língua, recorrendo a intérpretes (Davila, 2010, p. 18).

### (4) Outras lições resultantes das experiências no Iraque

- Os cenários das atividades de treino devem ser reais, podendo incluir civis contratados.<sup>37</sup> Estes, também devem incluir a presença de elementos suicidas e forças não convencionais, que usam a população civil como escudo (McCrea, 2004).
- As atividades de treino devem incluir a evacuação de baixas, de forma contínua e a realização de procedimentos de comando sob restrições de tempo (McCrea, 2004).

- As forças militares devem estar treinadas em técnicas de abertura de pontos de entrada em edifícios (Catagnus et al, s.d.).
- A condução de buscas em ambiente urbano implica que as forças tenham algum equipamento específico, para o processamento de pessoas e materiais, contribuindo para a recolha de informação diversa (Tunnell, 2006, p. 31).

#### d. Afeganistão, 2001/2010

A intervenção no Afeganistão foi uma consequência direta do ataque de 11 de Setembro de 2001, surgindo como resposta militar à organização terrorista responsável pelo mesmo, a Al Qaeda, e ao regime Taliban, que lhe fornecia um santuário.

Uma boa parte da informação disponível provém da população que frequentemente dá origem a operações, como as operações de cerco e busca, podendo no decurso destas obter-se mais informação que dão origem a outras operações (Dennis, 2005, pp. 60-63).

Relativamente às variáveis organização e tarefas, as UEC organizam-se em elemento de cerco e elemento de segurança e busca.

Operações como a *MOUNTAIN SWEEP*<sup>38</sup> permitiram capturar elementos simpatizantes dos *Taliban*



Imagem 5 – Fonte: (Palacios, 2006)

e grandes quantidades de armamento. Noutras operações, como a *VILLAGE SEARCH*<sup>39</sup>, as forças adotaram técnicas menos agressivas, entrando em contacto com os líderes das povoações de forma a obter autorização para executar a busca. Em simultâneo, equipas de assuntos civis obtinham informação sobre as condições médico-sanitárias e necessidades em geral, de forma a identificar potenciais projetos de reconstrução. Esta postura, menos agressiva, permitiu obter a simpatia da parte dos líderes das povoações, levando à apreensão de grandes quantidades de armamento e explosivos (Wright, 2010, pp. 213-216). À medida que as operações iam sendo conduzidas, as técnicas foram evoluindo de forma a tentar ganhar a confiança da população, sendo de realçar neste caso, as capacidades de negociação com os líderes das povoações<sup>40</sup> (Wright, 2010, p. 217).

Atendendo à variável necessidades de treino, uma das lições identificadas revelou que o emprego de técnicas de HUMINT permite obter uma grande quantidade de informação, sendo necessário as forças terem alguma formação na área ou, se possível, dispor de *Tactical Humint Teams*<sup>41</sup>.

#### 4. ANÁLISE

Respondendo às questões que se colocam depois da análise dos casos de estudo, “Que tarefas poderão ser executadas por uma UEB e UEC durante a condução de uma operação de Cerco e Busca?” e “De que forma se deve organizar uma UEB

e UEC para a condução de uma operação de Cerco e Busca?”, podemos constatar que existem diversos pontos em comum neste tipo de operações: a tipologia de ameaça encontrada, a organização e tarefas chave e a utilização de *enablers*.

Relativamente à organização da força e respetivas tarefas associadas, é possível afirmar que, também aqui, emerge um padrão. Identificam-se três elementos, que de forma independente ou combinada, configuram a organização da força. São eles, para além do comando e uma eventual reserva, o Elemento de Cerco, o Elemento de Segurança e o Elemento de Busca.

Independentemente das designações atribuídas, existe uma força responsável por implementar um anel de segurança exterior, que isola a área do objetivo evitando possíveis ameaças, estando normalmente, orientada para o exterior. Nos relatos analisados, é apresentada como cerco (Somália e Afeganistão), ou como cerco exterior (Kosovo e Iraque) e tem como tarefas associadas, entre outras, a montagem de VCP, posições de bloqueio, postos de observação e execução de patrulhas de segurança, nos principais itinerários de acesso ao objetivo e/ou nas áreas entre eles. Fruto das possíveis tarefas, sempre que possível, utiliza meios médios/pesados (viaturas de combate de infantaria e CC).

Uma segunda força é responsável por implementar um anel de segurança interior, que garante segurança aos elementos que conduzem a busca e evita a fuga de viaturas ou pessoas da área do objetivo, estando normalmente, orientada para o interior. Nos relatos analisados é apresentada cerco e busca/segurança e busca (Somália, Kosovo, Iraque e Afeganistão), incluindo nestes últimos casos os elementos respon-



sáveis pela busca. Tem como tarefas associadas, entre outras, a montagem de posições de combate, posições de apoio pelo fogo, postos de controlo e postos de observação.

Uma terceira força é responsável pela execução da busca, garantindo também, o processamento de pessoal e material e, como vimos anteriormente, pode estar incluída num elemento único de segurança e busca. Pode, dependendo da finalidade da operações e dos meios atribuídos, efetuar outras tarefas como *Site Exploitation (SE)*<sup>42</sup> e *Tactical Questioning (TQ)*<sup>43</sup>.

Um aspeto que se destaca é a presença, face à diversidade de tarefas e à complexidade do ambiente onde atuam estas forças, de *enablers*, que atuam como facilitadores para a unidade responsável pela operação de cerco e busca. Estas capacidades, tanto podem estar sob o comando e controlo da força, como integrados nos diversos elementos apresentados. Destaca-se a utilização de meios aéreos, com predominância para os helicópteros e o emprego de um conjunto de meios diferenciados, nomeadamente: equipas EOD, equipas *sniper*, equipas de PSYOPS e HUMINT, elementos da Polícia Militar, equipas cinotécnicas e CCT. É de salientar a presença de elementos de forças locais (forças de segurança e forças armadas) e de valências de

apoio de serviços, como: equipas de evacuação e equipas de transporte.

O elemento de comando, como é relatado para o TO do Kosovo, tem tendência a localizar-se junto dos elementos responsáveis pela busca, em virtude de ser considerada a ação de maior importância e que oferece maior risco. Por norma, junto ao comando, localiza-se uma força de reserva, pronta a ser empregue para fazer face a uma situação inesperada, como manifestações junto aos anéis de segurança ou reforçando qualquer um dos elementos, dando flexibilidade ao comandante.

As UEB e UEC têm tendência a organizar “forças-tarefa”, como relatado para os TO do Kosovo e Iraque, de forma a criar subunidades mais flexíveis, orientadas para o cumprimento da missão.

Comparando os resultados da análise com elementos doutrinários, verifica-se que o padrão identificado é semelhante ao apresentado nos manuais. De acordo com o *Field Manual (FM) 3-24.2 Tactics in Counterinsurgency* (Headquarters, Department of the Army, 2009, pp. 5-10 – 5-11), a organização típica de uma operação de cerco e busca inclui, um elemento de comando, um elemento de cerco<sup>44</sup>, um elemento de busca e um elemento de reserva. Uma organização semelhante é apresentada na publicação *Dispatches – Lessons Learned for Soldiers*. Vol 3, Nº 2, November 2007, Cordon and Search Operations (The Army Lessons Learned Centre, 2007, p. 4-6).

O elemento de cerco é responsável pelo cerco exterior e cerco interior, o primeiro para isolar a área do objetivo de reforços do exterior e o

segundo para evitar que indivíduos saiam da área de busca, enquanto o elemento de busca, conduz a busca propriamente dita.

A análise dos relatos relativamente às necessidades de treino, demonstra que a presença de população, a tipologia de ameaça, a quantidade e especificidade das tarefas associadas à condução de operações de cerco e busca e as questões legais, contribuem para que as situações que as forças militares enfrentam, sejam complexas e incertas. De facto, nos TO analisados, destaca-se a condução de operações em áreas urbanas<sup>45</sup>, sendo estas caracterizadas pela presença de população, o que revelou a necessidade de os militares interagirem com esta, de forma a reduzir a fricção natural e a melhorar a capacidade das forças militares em cumprirem as suas missões (Wunderle, 2006, p. 1). O conhecimento dos seus interesses, costumes, hábitos, intenções, crenças, valores, organização social e símbolos políticos, conhecido por *cultural awareness*<sup>46</sup> (McFate, 2005 cit. por Wunderle, 2006, p. 3), ou tomada de consciência cultural, revelou-se essencial para o estabelecimento de relações com a população, contribuindo desta forma para o processo de obtenção e análise de informação (Wodj dakowski, 2007), de que é exemplo, o relato da operação *VILLAGE SEARCH*, no TO do Afeganistão.

Em virtude dos fatores humanos assumirem uma grande importância, a população revelou ser a principal fonte de informação (Zeytoonian, 2006, p. 33), facto que se revela comum aos TO analisados, sendo esta “recolhida” durante a execução de patrulhas, VCP, interrogatórios, buscas, ou simplesmente, através do contacto com a população em geral. Ressaltam assim, necessidades



Imagem 6 – Fonte: (Freire, 2000)

específicas de formação e de treino orientadas para a recolha de informação, designadamente: conhecer hábitos e costumes da cultura local, emprego de técnicas de HUMINT, emprego de intérpretes, condução de KLE, de TQ e de negociações.

A realização de buscas revelou ser uma boa fonte de informação, facto expresso nos relatos, em particular do Iraque e Afeganistão, sendo realçada a necessidade das forças militares estarem sensibilizadas e treinadas para esse aspeto, pois existe a necessidade de melhorar a capacidade de “explorar” a ameaça, de forma a ganhar o “combate” pelas informações (Wilbur, 2006, p. 11). Assim, técnicas de busca e revista a edifícios e pessoas, como as de SE tornam-se importantes, de forma a não se perder informação útil, reforçando também a ideia de que cada soldado é um sensor (McGovern, 2008, p. 16). Esta sensibilização e treino ganham relevância nos conflitos atuais, em virtude da maior parte da informação recolhida ter origem nos baixos escalões, ou seja, a informação é *“bottom up than top down”* (Hartman, 2008, p. 37).

Dos relatos apresentados, outra das lições identificadas, transversal aos TO estudados, é a existência de ROE, que de uma ou de outra forma, restringem o emprego da força e que são exploradas pela ameaça em seu favor. Também descrito, é o seu caráter subjetivo, ambíguo e de difícil interpretação, facto que, em situações de tensão, contribuem para a dificuldade da tomada de decisão e que em última análise podem comprometer a proteção da força. Assim, a inclusão dos condicionamentos legais nas atividades de treino, deve ser uma prioridade, sob pena de, numa situação real, a execução de uma operação, como uma busca, se poder transformar num “pesadelo

legal”.

Fruto das operações serem executadas em ambientes complexos e incertos, as forças militares, com alguma frequência, enfrentam situações de *shot/not shoot*, sendo obrigadas a mudanças de postura. Lacunas nessa capacidade poderão originar más avaliações e um rápido escalar do uso da força, recorrendo à força letal.

O emprego de *enablers*, orgânicos ou de outros ramos e/ou agências, tornou-se frequente nos TO, permitindo uma organização adequada para satisfazer as necessidades do ambiente operacional (Freire, 2011, p. 5), mas, em virtude das suas especificidades, existe a necessidade de haver treinos prévios, de forma a sincronizar as TTP.

## CONCLUSÕES

A condução de operações de cerco e busca é cada vez mais comum nos atuais TO, marcados pela incerteza, instabilidade e peso da informação pública. Em virtude da pertinência e importância do tema, selecionámos quatro TO para estudar a condução de operações de cerco e busca nos escalões Batalhão e Companhia: o teatro da Somália, por ter sido caso de estudo para as forças americanas no período pós guerra-fria, altura em que se assistia à mudança do paradigma do emprego do poder militar; o Kosovo, por ser um teatro familiar às Forças Armadas Portuguesas e os teatros do Iraque e Afeganistão, por se terem



constituído como casos de estudo na forma como influenciaram, e ainda influenciam, os processos de transformação<sup>47</sup> das forças militares ocidentais.

Iniciámos o estudo pela consulta da bibliografia existente e disponível, de forma a enquadrar e compreender a temática em questão e apoiar a definição do modelo de análise. Este modelo assentou nas variáveis, organização da força, tarefas executadas e necessidades de treino.

Após a definição do modelo de análise, foi iniciada a investigação, através do estudo de casos, de forma a responder à questão: *“Tendo em conta a complexidade do atual ambiente operacional, sobretudo a presença de ameaças assimétricas e a presença de população, quais as necessidades organizacionais e de treino a adotar pelas UEB e respetivas subunidades para a condução de Operações de Cerco e Busca.* Para chegarmos a esta resposta foi necessário responder a algumas questões parcelares, que apresentámos ao longo do texto.

Em relação aos desafios que enfrentam as forças terrestres no atuais Teatros de Operações, estes decorrem de mudanças políticas, económicas e socioculturais. Caracterizam-se pela presença de um conjunto de ameaças, frequentemente constituídas por grupos, milícias, fações criminosas ou resis-







**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

– IBIMec, 2009. *Manual do Militar*. Santa Margarida: IBIMec.

– Air Land Sea Application Center, 2010. *Air Land Sea Bulletin, Cordon and Search*. Virginia: Air Land Sea Application Center.

– Air Land Sea Application Center, 2006. *Air Land Sea Bulletin, Cordon and Search, multi-service tactics, techniques, and procedures for cordon and search operation*. Virginia: Air Land Sea Application Center.

– Allard, Kenneth, 1995. *Somalia Operations: Lessons Learned*. Washington: Institute for National Strategic Studies, National Defense.

– Álvares, Tenente-Coronel Mário, 2009. 7<sup>th</sup> European Seminar. *Azimute*. Nº 187, Agosto 2009. pp. 26-30.

– Baillergeon, R. et al., 2012. *Tactics 101 068 – Task Organization*. [em linha]. Disponível em: <http://www.armchairgeneral.com/tactics-101-068-task-organization.htm>. [consult. Jan. 2012].

– Ballard, Colonel John R., 1995. *Lessons Learned from Operation AL FAJR: the liberation of Fallujah*. Washington.

– Barham, Major Brian D., 1994. *Cordon and Search: an operations other than war (OOTW) task for Infantry Battalions*. Kansas: School of Advanced Military Studies.

– Barret-Hennessy, Wayne, 2009. *Company Level Tactical Intelligence and Targeting*. [em linha]. Disponível em: <http://smallwarsjournal.com/blog/journal/docs-temp/186-hennessy-barrett.pdf>. [consult. Dec. 2010].

– Catagnus, Sgt et al., s.d. *Lessons learned: infantry squad tactics in military operations in urban terrain during operation Phantom Fury in Fallujah, Iraq*. [em linha]. Disponível em [http://www.blackfive.net/main/2005/03/showdown\\_the\\_ba.html](http://www.blackfive.net/main/2005/03/showdown_the_ba.html). [consult. Jan. 2012].

– Center for Army Lessons Learned, 1995. *CALL Newsletter 95-02 Peace Operations training vignettes, with possible solutions*. [em linha]. Disponível em: [http://www.globalsecurity.org/military/library/report/1995/call-95-2\\_peace-ops-vignettes\\_toc.htm](http://www.globalsecurity.org/military/library/report/1995/call-95-2_peace-ops-vignettes_toc.htm). [consult. Jan. 2012].

– Center for Army Lessons Learned, 2004. *CALL Newsletter 04-16 Cordon and Search*. USA: Headquarters Department of the Army.

– Colas, 1st Lieutenant Brandon, 2008. Suggestions for creating a Company Level Intel Cell. *Infantry Magazine*. March - April 2008, pp. 4-6.

– David, Lieutenant Colonel William C., 1995. Preparing a Battalion for Combat, maneuver live-fire training. *Infantry Magazine*. September - October 1995, pp. 23-27.

– Dennis, Major Matthew B., 2010. Combined arms training and new, emerging theories on training. [em linha]. *Infantry Magazine*. September - October 2010. Disponível em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0IAV/is\\_3\\_99/ai\\_n56541296/pg\\_4/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0IAV/is_3_99/ai_n56541296/pg_4/). [consult. Jan. 2012].

– Devin, Captain David, 2008. Organizing S2 sections to support company intelligence teams [em linha], *Military Intelligence Professional Bulletin*, April - June 2008. Disponível em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0IBS/is\\_2\\_34/ai\\_n42794526/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0IBS/is_2_34/ai_n42794526/). [consult. Dec. 2010].

– Diana, Captain G. L., 2009. *Company Level Intelligence Cells: A key enabler for understanding the 21st century environment*. Quantico: United States Marine Corps, Command and Staff College.

– Durães, Luís P. et al., 2010. A Força Aérea nas missões de Paz. In: *Portugal e as Operações de Paz, uma visão multidimensional*. Lisboa: Prefácio.

– Escola Prática de Infantaria, 1996. Manual de Operações de Apoio à Paz – volume I. Mafra.

– Escola Prática de Infantaria, 2008a. Manual do Agrupamento / Batalhão de Infantaria Mecanizado. Mafra.

– Escola Prática de Infantaria, 2008b. Manual de Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos. Mafra.

– Estado-Maior do Exército, 1966a. O Exército na Guerra Subversiva – I Generalidades. Lisboa.

– Estado-Maior do Exército, 1963a. O Exército na Guerra Subversiva – II Operações contra bandos armados e guerrilhas. Lisboa.

– Estado-Maior do Exército, 1963b. O Exército na Guerra Subversiva – III Acção Psicológica. Lisboa.

– Estado-Maior do Exército, 1966b. O Exército na Guerra Subversiva – IV Apoio às autoridades civis. Lisboa.

– Estado-Maior do Exército, 1963c. O Exército na Guerra Subversiva – V Administração e logística. Lisboa.

– Exército, 2005. *Regulamento de Campanha - Operações*. Amadora: Comando de Instrução e Doutrina.

– Exército, 2009. *PDE 2-00 Informações, Contra-Inteligência e Segurança*. Lisboa.

– Exército, 2011. *PDE 3-65-00 Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos*. Lisboa.

– Exército, 2012. *PDE 3-0 Operações*. Lisboa.

– Ferry, Captain Charles P., 1994. Mogadishu, October 1993: A Company XO's notes on lessons learned. *Infantry Magazine*. November - December 1994, pp. 31-38.

– Freire, Capitão Miguel, 2001. Técnicas e Procedimentos Operacionais no Kosovo (III). *Jornal do Exército*. Nº 501, Novembro de 2001, pp. 52-58.

– Freire, Capitão Miguel, 2002. Técnicas e Procedimentos Operacionais no Kosovo (IV) Algumas reflexões. *Jornal do Exército*. Nº 503, Janeiro de 2002, pp. 18-23.

– Freire, Tenente-Coronel Miguel, 2011. Treino operacional, o que treinar? *Atoleros*. Nº 25, Abril de 2011, pp. 6-9.

– Global Security.org, *Operation Uphold Democracy*. [em linha] Disponível em: [http://www.globalsecurity.org/military/ops/uphold\\_democracy.htm](http://www.globalsecurity.org/military/ops/uphold_democracy.htm). [consult. 29 Feb. 2012].

– Global Security.org, *Operation Iraqi Freedom*. [em linha] Disponível em: [http://www.globalsecurity.org/military/ops/iraq\\_reconstruction.htm](http://www.globalsecurity.org/military/ops/iraq_reconstruction.htm). [consult. 05 Mar. 2012].

– Graham, Captain Edward P., 2008. *Company Level Intelligence Cell*. Quantico: United States Marine Corps, Command and Staff College.

– Grant, Rebecca, 2005. The Fallujah Model. *Air Force Magazine*. February 2005, pp. 48-53.

– Hartman, Lieutenant Colonel, William J., 2008. *Exploitation tactics: A doctrine for the 21<sup>st</sup> Century*. Kansas: US Army Command and General Staff College.

– Hawkins, Colonel, Jerome K., 2008. *Training balance: Full Spectrum Operations for the 21<sup>st</sup> Century Challenges*. Kansas: US Army Command and General Staff College.

– Headquarters, Department of the Army, 2001. *FM 3-90, Tactics*. Washington DC: Headquarters Department of the Army.

– Headquarters, Department of the Army, 2009. *FM 3-24.2, Tactics in Counterinsurgency*. Washington DC: Headquarters Department of the Army.

– Headquarters, Department of the Army, 2011. *ATTP 3-06.11, Combined Arms Operations in Urban Terrain*. Washington DC: Headquarters Department of the Army.

– Hennessy-Barrett, Maj Wayne, *Company Level Tactical Intelligence and Targeting* [em linha]. Disponível em: <http://smallwarsjournal.com/jrn/art/company-level-tactical-intelligence-and-targeting>. [consult. Jan. 2012].

– Hollis, Captain Mark A. B., 1998. Platoon under fire, Mogadishu, October 1993. *Infantry Magazine*. January - April 1998, pp. 27-34.

– Hughes, Major Christopher et al., 1995. Cordon and Search Operations. *Infantry Magazine*. July - August 1995, pp. 8-11.

– IESM, 2010. *ME 20-81-00 Operações*. Lisboa: IESM.

– IESM, 2011. *Norma de Execução Permanente nº 218, Trabalhos de investigação*. Lisboa: IESM.

– Joint Chiefs of Staff, 2001. *Joint Publication 1-02 Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. USA: Joint Chiefs of Staff.

– Kendrick, Lieutenant William A., 1995. Peacekeeping Operations in Somalia. *Infantry Magazine*. May - June 1995, pp. 31-35.

– Kilcullen, David, 2006. Twenty-Eight Articles – Fundamentals of Company-level Counterinsurgency. *Military Review*, May - June 2006, pp. 103-108.

– Krulak, General Charles, 1999. The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War [em linha]. *Marines Magazine*, January 1999. Disponível em: [http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic\\_corporal.htm](http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic_corporal.htm). [consult. Dec. 2010].

– McCrea, 1<sup>st</sup> Sergeant Derek, 2004. Preparing a mechanized infantry task force for combat – an NCO's perspective [em linha]. *Infantry Magazine*. March - April 2004. Disponível em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0IAV/is\\_2\\_93/ai\\_n6124005/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0IAV/is_2_93/ai_n6124005/). [consult. Jan. 2012].

– McGarry, Major Christopher C.E., 2011. *Inverting the Army Intelligence Pyramid*. . Kansas: US Army Command and General Staff College.

– McGovern, 1st Lieutenant Rory M., 2008. Organizing for Intelligence: Company Intelligence Cells in COIN. *Fires Magazine*, January - February 2008, pp.14-18.

– McGowan, Captain Patrick D., 1993. Operations in Somalia, changing the light infantry training focus. *Infantry Magazine*. November - December 1993, pp. 23-25.

– Morgan, Major Rod, 2008. Company Intelligence Support Teams. *Armor Magazine*, July - August 2008, pp. 23-26.

– Murray, Captain Dale, 2006. Company-level cordon and search operations in Iraq. *Armor Magazine*. September - October 2004, pp. 26-31.

– Nails, Captain John B., 2004. Lessons learned: A Company Commander's thoughts on Iraq. *Armor Magazine*. February 2004.

– NATO, 2010. *ATP - 3.2.1.1 Guidance for the conduct of tactical stability activities and tasks*. NATO.

– NATO, 2011. *AAP - 6 Glossary of terms and definitions*. NATO.

– NATO, 2009a. *AAP-39 Glossary of land military terms and definitions*. NATO.

– NATO, 2009b. *AJP 3.2 Allied Joint Doctrine for Land Operations*. NATO.

– Odom, Thomas et al., 2005. Transformation: Victory Rests with Small Units. *Military Review*. May - June 2005, pp. 81-85.

– Patterson, Captain Eric A., 1999. Breaking contact under fire. *Infantry Magazine*. January - April 1999, pp. 6-11.

– Paul, Captain Matthew C., Tactical questioning: human intelligence key to counterinsurgency campaigns [em linha]. *Infantry Magazine*. January - February 2006. Disponível em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0IAV/is\\_1\\_95/ai\\_n16346578/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0IAV/is_1_95/ai_n16346578/). [consult. Jan. 2012].

– Pereira, Carlos Santos, 2005. *Guerras da informação: militares e media em cenário de crise*. Lisboa: tribuna da história.

– Rodriguez, Captain Frank A., 2009. COIN operations and the rise and fall of an Iraqi warlord. *Infantry Magazine*. August 2009, pp. 36-41.





# Das Abzeichen für Leistungen im Truppendienst

## 1. PROPÓSITO

Datando de 1971, o *Bundeswehr*<sup>1</sup> instituiu *Das Abzeichen für Leistungen im Truppendienst*<sup>2</sup> de modo a aferir e incentivar a proficiência física e técnica de âmbito militar nos seus combatentes.

Os militares alemães no activo e também reservistas de todos os postos devem realizar as provas anualmente<sup>3</sup>, desde que tenham um mínimo de 4 meses de serviço e desde que não haja restrições (físicas, disciplinares, etc.) à participação do militar que se proponha à realização das variadas provas. O incumprimento destas em dois anos consecutivos implica a impossibilidade de se manter nas fileiras militares alemãs.

Não atribuível de forma honorária, é ainda assim extensível a militares aliados, tendo larga tradição junto de forças armadas aliadas como a norte-americana e sendo o seu uso previsto em regulamento de uniformes<sup>4</sup>. De referir também que, para militares aliados, não existe a necessidade de período mínimo de serviço, desde que o Comandante respectivo ateste as capacidades do militar. É de igual modo aplicável a reservistas, durante a execução de exercícios ou mobilização e extensível a militares possuidores de deficiências motoras, mediante a aplicação de regulamento próprio.

Sempre enquadrada e atribuída por representantes certificados das forças militares alemãs, resulta então da concretização dum rigoroso e abrangente conjunto de padrões de capacidade física, de provas de tiro, de teste ou certificação reconhecida de primeiros socorros, sendo precedido de relatório<sup>5</sup> elaborado pelo comandante que ateste as reconhecidas capacidades exemplares a nível ético bem como a desenvoltura física.

## 2. ATRIBUIÇÃO

A insígnia é atribuível em três graus, de acordo com a prestação do militar. O 1º grau é o de Bronze, sendo secundado pelo grau de Prata (2º grau) e o mais elevado grau é o terceiro, de Ouro<sup>6</sup>. É directamente atribuível até ao grau mais elevado, sem que seja necessário obter anteriormente um grau inferior. Para os militares já agraciados com o 3º Grau, o numeral 5, 10, 15, 20 ou 25 pode ser imposto desde que complete novas provas no mesmo grau, podendo inclusivamente ser em anos não consecutivos.

Para a sua obtenção, são então aplicáveis os seguintes critérios de atribuição:

### Avaliação do Comandante:

Tal como referido, atesta que o militar está tanto fisicamente apto tanto quanto é merecedor, graças

às suas reconhecidas características morais, de participar nesta prestigiante prova<sup>7</sup>. Como pré-requisitos, deve o Comandante considerar o desempenho técnico e de aptidões gerais, desportivo e também militar; sendo aceites as avaliações de rotina ou extraordinárias do combatente, desde que se foque as citadas áreas específicas. De referir que, estando pendente ou a decorrer caso disciplinar contra o militar, tais como medidas disciplinares judiciais ou condenação por delito, o uso da insígnia pode ser revogado no mínimo pelo Comandante de Regimento ou a própria entrega de insígnia ser suspensa até conclusão do processo.

### Proficiência em Primeiros-Socorros:

Neste âmbito, o objectivo é aferir da capacidade do militar em providenciar cuidados básicos a si próprio e a camaradas. Esta capacidade é atestada mediante realização de prova escrita (e/ou eventualmente, prova prática) ou apresentação de atestado de curso de primeiros socorros reconhecido<sup>8</sup> e não realizado há mais três anos. De entre as capacidades, no mínimo verifica-se a avaliação de



Foto 1 – Insígnias e passadeira dos graus da *Das Abzeichen für Leistungen im Truppendienst* (3º para 1º grau, da esq. para a dir.)



GRUPO	TIPO	SECÇÃO	DISCIPLINA	OBSERVAÇÕES
1	PISCINA	Natação	200m	Estilo livre
2		Velocidade	Sprint de 100/400 ou 1000 metros	
3		Impulsão	Salto em altura ou salto em comprimento	
4	CAMPO E PISTA	Força Física	Arremesso de peso ou arremesso da pedra	Peso: 16lbs/7,26kg para masculinos; 8,9lbs/ 4,04kg para femininos. ALTERNATIVAS: 100m ou 1000 metros de natação (estilo livre)
5		Resistência	Corrida 3000 ou 5000 metros	
6	CARREIRA DE TIRO	Tiro de Pistola 9mm	Bronze (3 impactos em 5 disparos); Prata (4 em 5); Ouro (5 em 5).	Para 3 alvos a 25 metros; <b>DETERMINANTE PARA A ATRIBUIÇÃO DO GRAU</b>
7	SALA	Primeiros Socorros	Teste/ Apresentação de diploma válido	
8	CAMPO	Marcha Itinerária	Bronze (6km em 60min); Prata (9km em 90 min); Ouro (12km 2m 120 min).	Fardado com mochila com mínimo de 15kg de carga, para masculinos e femininos; <b>DETERMINANTE PARA A ATRIBUIÇÃO DO GRAU</b>

Tabela 2 – Quadro resumo das provas a realizar para a obtenção da *Das Abzeichen für Leistungen im Truppendienst*.

tem de atingir com sucesso no tempo máximo de 15 segundos (sem armar o cão antes do primeiro disparo) pelo menos um de cada alvo para se poder vir a qualificar para o grau Bronze, quatro impactos para o grau Prata e cinco impactos para o grau Ouro.

Após esta prova e de acordo com os resultados obtidos no tiro, executa-se a marcha em itinerário equilibrado em subidas e descidas, onde os militares, independentemente do seu género ou idade, competem para alcançar o grau respectivo.

### 3. PROPOSTA

Ciente da existência desta desafiante e prestigiante prova de proficiência, orgulhoso de ter sido oficial do Regimento de Mecklenburg que ainda sirvo na sua nova existência de Quartel da Cavalaria (QCav), em 12 de Junho de 2011 apresentei formalmente ao meu Comando a possibilidade de a mesma se levar a cabo no âmbito das Comemorações do 250º aniversário do Regimento de Cavalaria nº4, a realizar-se no ano seguinte.

Para tal, os argumentos produzidos foram relacionados com o facto do Regimento ter sido criado em 1762 na Feitoria de São Julião da Barra, assumindo então a designação de Regimento de Cavalaria Ligeira do Príncipe Reinante de Mecklenburg-Strelitz, em homenagem àquele Príncipe e General que auxiliou à organização da Cavalaria Portuguesa do Séc. XVIII às ordens do notável Conde de Lippe. Não esquecendo que por Decreto D'el Rei D.Luís, em 1888 o RC4 passou também a ostentar a designação de “do Imperador da Alemanha, Guilherme II”, sendo o mesmo seu Coronel Honorário até 1911, retomando o Regimento a sua designação original de RC4 nas vésperas da Grande Guerra. A esta ligação histórica de quarto de milénio entre a organização castrense germânica e o Quatro, do qual o QCav é herdeiro das suas tradições, heráldica, história e espólio; aludiu-se também ao facto de cada vez mais ser uma realidade a existência de interacção entre aliados e igualmente ao facto de o mais recente sistema de armas ao serviço do Exército ser de origem alemã; o Carro de Combate Leopard 2 A6.

A apresentação frisou então o objectivo de treino realista, unindo a condição física à capacidade técnica e desejavelmente extensível a todos os militares do QCav, motivando-se e materializando-se o esforço individual e conjunto dos militares desta casa. À altura, sugeri a inclusão desta actividade no treino planeado para as sub-unidades e tendo como objectivo a realização dum teste prévio de capacidades, antes da realização das provas em si. De facto, por incluir a vertente física aliada à capacidade técnica (tiro e primeiros-socorros), torna-se uma prova mais completa que a própria Prova de Excelência de Treino Físico do nosso Exército.

Por fim, foi proposta a realização desta prova de modo à data das celebrações dos 250 anos do RC4 ser atribuível a almejada insígnia, sendo para tal contactado o Adido Militar das Forças Armadas Federais Alemãs de modo a se avaliar a real capacidade de concretização da proposta.

### 4. EM SANTA MARGARIDA

Em Outubro de 2011, o QCav teve a visita informal do Capitão de Fragata Franz-Josef Birkel, Adido de Defesa Alemão, tendo sido encetados os primeiros contactos entre a Embaixada Alemã e o Estado-Maior do Exército. A 24 de Março de 2012, já na posse de dados concretos sobre a realização da prova, foi novamente apresentado ao Comando do Quartel a actualização da proposta inicial. Esta, de acordo com a intenção mútua de se realizar um *cross-training*, já previa o apadrinhamento da Unidade Alemã de Apoio Logístico a prestar serviço no *Allied Joint Force Command* de Oeiras ao evento. Este foi concretizado tendo sido dada aos militares alemães a oportunidade de



barreiras. Naturalmente, as dúvidas da real capacidade de concretização arrastaram-se, tendo sido inúmeras as dificuldades logísticas e as questões em aberto.

De frisar que, ainda que não seja particularmente difícil, o conjunto de provas é bastante abrangente e requer um militar física e tecnicamente completo. Por outro lado, muitos mais militares queriam ter participado, mas tal não foi possível por limitações de organização e também em parte pela incapacidade de alguns militares em cumprirem logo à partida com algumas das provas, ressaltando-se a natação e as provas mais relacionadas com a prática do atletismo. Pelo que não deverá ser estranho a eliminação de todas as 20 praças que iniciaram as provas.

Mas o orgulho e empenho patente nos militares que organizaram e



Foto 3: Prova de Marcha com militares nacionais e germânicos (21Jun12)

participaram neste evento é a marca mais indelével do sucesso. Este inegável sucesso, espera-se, não ficará por aqui sendo extensível a sua con-

cretização a qualquer outra Unidade que partilhe os mesmos ideais de procura da excelência e de afirmação pela diferença e abnegação.

#### REFERÊNCIAS

- Sítio oficial da *Deutschen Olympischen Sportbund (DOSB; Federação Alemã de Desportos Olímpicos)*- <http://www.deutschesportabzeichen.de>
- *ZDv 03/12* (Não disponível)
- *ZDv 37/10 Nr. 502 Absatz 1* (Regulamento de Fardamento do Bundeswehr);
- *ZDv 49/20* (Não disponível)
- *US Army Health Care Specialist 68W Military Occupational Specialty*- <http://www.goarmy.com/careers-and-jobs/browse-career-and-job-categories/medical-and-emergency/health-care-specialist.html>
- Apontamentos pessoais do Cap Cav Antero Marques Teixeira.
- Tradução de cortesia do regulamento oficial *Das Abzeichen für Leistungen im Truppendienst* pela Embaixada Alemã em Lisboa.

#### AGRADECIMENTOS

- Aos Comandantes do Qcav, TCor Cav Freire e TCor Cav Loureiro, por terem respectivamente considerado e concretizado esta proposta.
- Ao Adido de Defesa Alemão, Capitão de Fragata Birkel, pelo entusiasmo e celeridade com que acolheu esta proposta.

#### NOTAS

- 1 Forças Federais de Defesa da República Federal da Alemanha.
- 2 Insígnia de Proficiência Militar.
- 3 Sendo que algumas unidades, dada a sua especificidade e exigência particular, o podem realizar mais que uma vez ao ano.
- 4 Como previsto no Regulamento alemão ZDv 37/10, secção XII.
- 5 Como previsto no Regulamento alemão ZDv 49/20.
- 6 Com o 1º Grau a poder ser atribuído por Comandante directo e 2º e 3º Grau a ser atribuído no mínimo por Comandante de Grupo.
- 7 A exemplo, nas Forças Armadas Norte-Americanas, o relatório empregue baseia-se no *US Army Officer Evaluation Reporting System/ Non-Commissioned Officer Evaluation Reporting System*, previsto no *Army Regulation 623-3*. Para as Forças Armadas Federais Alemãs, aplica-se o Regulamento ZDv 03/12; tendo de se ter a quantificação mínima de 3 quanto aos conhecimentos técnicos e aptidões práticas, cumprimento de tarefas em serviço e de objectivos.
- 8 O padrão é o de *Combat Life Saver* de nível 1 (especialidade 68W), aproximado do de socorrista.
- 9 MEDEVAC 9 LINER.
- 10 Insígnia Alemã de Desportos.
- 11 Federação Olímpica Alemã.

- 12 Bronze, após a primeira e segunda concretização; Prata após a terceira e quarta concretização e Ouro após o quinto e subsequentes anos.
- 13 A exemplo, um militar que tenha obtido a qualificação de prata na prova de tiro, já não obterá o grau ouro, mas ainda poderá obter na marcha o grau bronze ou prata, desde que cumprindo com sucesso os tempos/distâncias previstos.
- 14 Prova de proficiência de tiro das Forças Armadas Federais Alemãs, em vigor desde 1965. Realizável com qualquer arma ao serviço do *Bundeswehr*, tais como a espingarda (G36 5,56mm ou G3 7,62mm), pistola (P8 9mm) e metralhadora ligeira (MG-3 7,62mm). Atribuível também em três graus de Ouro, Prata e Bronze, é somente envergada por praças e sargentos alemães e aliados, ainda que atribuível também a oficiais.
- 15 Requisitos considerados e apresentados à data da proposta inicial e não actualizados. Para o ano de 2012, os dados actualizados encontram-se na página oficial do DOSB.
- 16 De 12 a 14 e de 20 a 21 de Junho de 2012.
- 17 3º Grau a sete oficiais e um sargento, 2º Grau a cinco oficiais e um sargento e 1º Grau a um sargento.















# Proficiência Técnica: Reflexões de um Comandante do GCC – III

**A Proficiência técnica significa sabermos operar com destreza e à-vontade os equipamentos cometidos à nossa responsabilidade para o cumprimento da missão. Carros de Combate Leopard 2A6, M60A3TTS, viaturas da família VBTP M113A1, armamento pesado ou ligeiro, rádios ou GPS, só para citar alguns, são as nossas ferramentas de trabalho. Temos que as saber operar com confiança. Temos que ter vontade e empenho para sermos os melhores a fazê-lo.**

## 1. HELICÓPTEROS SEM ROTORES

Por força da modernidade tecnológica dos Carros de Combate Leopard 2 A6, o Grupo de Carros de Combate (GCC) era (e possivelmente continuará a sê-lo) uma das unidades mais requisitadas quando existiam visitas à Brigada Mecanizada. Invariavelmente essas visitas, seguindo um guião lógico, terminavam no Hangar dos Leopard 2 A6. Olhando na profundidade, com os Carros de Combate perfilados nos dois lados do hangar (foto 1),

e antes de avançar ao momento tão esperado de se subir para uma destas máquinas, eu fazia questão de dizer: “a única diferença ente o Grupo de Carros de Combate equipado com os Leopard 2 A6 e uma unidade de Helicópteros é que os Carros de Combate não têm rotores. Tudo o resto é igual, ou seja, a exigência na manutenção, o rigor nas qualificações das guarnições, a demanda da simulação e os custos de operação – só para dar alguns exemplos – são precisamente os mesmos nos dois tipos de unidades. Não há no Exército unidade de combate ou apoio de combate tão exigente em termos técnicos quanto o GCC, aliás, esta é a única unidade de combate montado do Exército Português”. Esta era a minha opinião. A realidade era outra e o GCC era tratado como mais uma simples unidade. Alguém

pensaria em ter uma unidade de helicópteros sem pilotos ou sem condições de manutenção? O luxo não é ter carros de combate topo de gama, o luxo é ter carros de combate sem guarnições e meios para serem operados com padrões de excelência. Claro que podemos colocar a questão de saber se, na realidade, precisamos mesmo deste sistema de armas tão sofisticado. Mas isso ficará para outras reflexões.

## 2. COMANDAR SEM COMPETÊNCIA TÉCNICA?

Com a preocupação de fazer passar a mensagem da importância do carácter técnico do GCC elegi a Proficiência Técnica como um dos três vértices para sistematizar a



Foto 1 – Hangar do Quartel da Cavalaria, baptizado em 17 de março de 2011 com o nome “O Carrista”.

TCOR Cav MIGUEL FREIRE  
 AM



com um novo sistema de armas (para muitos somente o melhor CC do mundo) não me restava, por uma questão de coerência em relação ao que sempre pensei, mas principalmente por uma questão de responsabilidade técnica, frequentar o curso de Chefe de CC Leopard 2 A6. Mesmo assim ainda tive que esgrimir argumentos com um coronel com responsabilidades na nossa arma para rebater o lugar comum que se pode comandar o GCC sem se ter o curso de chefe de carro do CC que equipa o Grupo. “Poder até se pode, mas não é a mesma coisa”, pensei eu com os meus botões, tal qual o anúncio da TV. Empenhei-me mas não consegui ser o melhor classificado, mas foi com satisfação que vi esse lugar ser preenchido por um 2º Furriel oriundo de Condutor de CC Leopard 2 A6. Constatei, assim, que também as gerações mais novas estavam motivadas e empenhadas para atingirem níveis elevados de conhecimento técnico. Não só frequentei o curso como impus, já como Comandante do GCC, que o Oficial de Operações, que tem também um CC para chefiar e é responsável pela supervisão da formação e emprego tático dos Carros, e o 2º Cmdt, que passaria a ter a responsabilidade de supervisionar a manutenção (por inexistência no quadro orgânico de Oficial de manutenção) o frequentassem na primeira oportunidade.

### 3. A TRAVESSIA DE UM DESERTO

Depois da euforia dos primeiros cursos para guarnições, das primeiras sessões de fogos reais e realização de exercícios táticos, a inexistência de um *procurament* sustentado para o CC Leopard 2 A6 começou a dar

os seus problemas. Na prática a inexistência de um canal logístico funcional impedia que, depois de esgotados os sobresselentes existentes da aquisição de um CC desmontado, a mais elementar peça ou parafuso necessário a uma substituição de rotina de uma almofada de trilho (para não falar de peças mais complexas como aquelas associadas ao trem de potência ou ao sistema de controlo de tiro), fosse substituída. Os CC foram “naturalmente” parando porque não havia peças, se quer, para fazer a mais ínfima manutenção do operador. E verificávamos que manter meios necessários para garantir a formação agendada das guarnições por recurso ao “empréstimo temporário” (só para não dizer “cannibalização controlada”) de peças de outros CC não era a solução. O caso mais emblemático foi o carro para a instrução de condução (buggy) que por ser único e indispensável à parte prática da instrução tinha que ser mantido a todo o custo. A dada altura o GCC servia para ceder motores ao buggy para se poder continuar a dar formação aos futuros condutores que depois não tinham Carros de Combate operacionais para operar. Assim não fazia sentido! Por essa razão, juntamente com o 2º Cmdt da BrigMec, empenhei-me para que

fosse assumida a situação da falta de condições para operar e manter os novos CC Leopard 2 A6 e suspensão – até alteração consolidada da situação – toda a formação, instrução e treino operacional com os CC Leopard 2 A6. Por despacho de 21 de Março de 2011 de S. Ex<sup>a</sup> o Gen CEME foram canceladas até Setembro de 2011 as atividades de formação e treino operacional relacionadas com o CC Leopard 2 A6. Como comandante do GCC, mas julgo que para qualquer graduado com funções de comando vivemos uma situação imensamente frustrante e que me levou muitas vezes a questionar-me se os problemas que tínhamos era mesmo uma questão de falta de recursos ou de incapacidade de planeamento e de organização para se operacionalizar o que se considerou ser uma capacidade importante para o Exército. Desta forma, a capacidade de combate montado do Exército Português ficou reduzida a um Esquadrão de Carros de Combate M60A3TTS<sup>2</sup>, já que os dois Esquadrões equipados com os CC Leopard 2 A6 entraram em modo de manutenção mínima. Numa postura de não baixar os braços e num esforço permanente de motivar os quadros e as tropas, ao mesmo tempo que se tentava manter padrões mínimos de proficiência para o com-



Uma guarnição de M60 A3TTS em trabalhos de manutenção depois de uma sessão de fogos reais.



citação em Ordem de Serviço, por exemplo, se um militar fizer 60/60, ou algo próximo;

- Os resultados do tiro devem ser registados na “Ficha Operacional Individual”<sup>3</sup> de cada militar para monitorização futura dos desempenhos.

As sessões de fogo real são motivadoras, disciplinadoras e dão confiança aos militares. Como me disse um Comandante de Companhia do 1ºBIMec, Capitão de Infantaria Capote, “em tempo de paz se querem ver a disciplina de uma unidade é na carreira de tiro com munição real”.

### Carros de Combate

Naturalmente no GCC, o sistema de armas carro de combate absorve a maior parte do esforço da procura da proficiência técnica. Num dos livros que li ainda em alferes, numa altura em que o *Canadian Army Trophy*<sup>4</sup> já tinha tido o seu apogeu e a queda do muro de Berlim lançava dúvidas ao valor da imensa frota blindada estacionada na Europa Central, o autor comparava o combate de carros com o polo e a precisão do tiro com a precisão da tacada. Ou seja, no polo não chegava montar bem a cavalo era necessário ser capaz de, em todos os andamentos: primeiro, acertar com o taco na bola; segundo, ter acertado na bola de forma que esta se dirigisse para o local pretendido e com a velocidade desejada. A lógica do emprego das armas de bordo nos CC é mais ou menos a mesma, ou seja, não chega movimentar taticamente o CC, é necessário que quando se faz fogo se acerte exatamente onde se pretende, daí que a conduta de tiro seja das áreas que absorve mais tempo no treino das guarnições e que sejam das qualificações mais difíceis de manter.

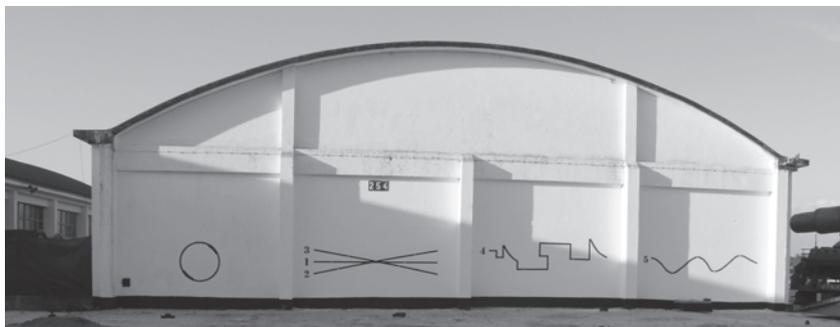


Foto 3 – Painéis de seguimento pintados numa parede de um hangar para treino das guarnições. A capacidade de seguir em precisão uma trajetória é um dos *skills* básicos dos apontadores e Chefes de CC. A ideia foi inspirada nas primeiras tabelas que se faziam no SIMUGUN: precisamente treinar a capacidade de seguimento.

Ao nível dos CC é desejável uma sessão de fogos reais por semestre. Assim, e na ausência de simuladores<sup>5</sup> e no sentido de rentabilizar ao máximo as munições reais disponíveis, na semana anterior a uma sessão de fogos reais, ou pelo menos até à véspera dessa sessão realizávamos Circuitos de Avaliação Individual de todas as armas – individuais ou coletivas – que fossem usadas. A experiência acabou por mostrar que mais do que a avaliação propriamente dita como condição certificadora para se avançar para o tiro, estes circuitos constituíam a oportunidade para todos executarem todos os procedimentos, com destaque para Operações de Segurança e Falhas de disparo. Os controladores/avaliadores eram oficiais e sargentos do comando do GCC ou mesmo dos esquadrões. Uma outra forma encontrada para colmatar a inexistência de simulação foi a criação de painéis de seguimento para as guarnições de CC, quer Leopard 2 A6 quer M60A3 TTS (foto 3), elaborando fichas tarefa progressivas. Mas não havendo uma dinâmica regular de treino de conduta de tiro não consegui convencer as cadeias de comando da importância deste treino e, por isso, rotinar a ida aos alvos de seguimento. No final do ano de 2011 recebemos o *Sistema Video Training (VTE)* (ver RevCav nº26) o que permitia implementar

um treino consolidado e associá-lo a objetivos mensuráveis.

Um dos mais interessantes desafios no âmbito da procura da Proficiência Técnica que realizámos juntamente com o ERec foi uma sessão de fogos reais *non-stop* (24 horas) com todas as armas coletivas orgânicas do GCC e do ERec. O desafio era realizar os fogos num contexto de cansaço acumulado e contínuo, já que as guarnições dos CC e das viaturas teriam que alternar entre as sessões de fogos (com a realização das tabelas de tiro) e a segurança ao polígono da Carreira de Tiro. Iniciámos pelas 09h00 do dia 18 de Janeiro de 2012 e terminámos pela mesma hora do dia seguinte. Foi cansativo e ... preocupante já que estávamos a avançar para um grau de exigência que o treino e a experiência das guarnições e do pessoal envolvido não chegavam como garantias para o sucesso.



A proficiência técnica no armamento não é exclusiva das guarnições de CC. Também as guarnições de outras viaturas têm que estar à altura. Guarnição de viatura blindada de recuperação ligeira M578 faz tiro com a metralhadora Pesada M2 Browning.



somava a inexistência de qualquer tipo de simulação poderia explicar facilmente esses falhanços. Basta dizer que nos países de referência não existe nenhum militar a fazer fogo real de CC sem antes ter efetuado 1000 disparos em simulador. Assim, aproveitaria a ocasião para relembrar a exigência técnica desta unidade e reiterar a importância do tempo de permanência dos militares na unidade e desejavelmente a existência de mais recursos (leia-se mais munições e os tão desejados simuladores). Mas afinal o que tinha verdadeiramente preocupado o meu General comandante eram as entradas terem sido servidas (em quantidade excessivamente abundante!) na mesma sala onde decorreu o almoço. E os militares, que teriam ficado melhor se tivessem usado uma “fatiota”, para não falar na sobremesa, em que o gelado servido na embalagem revelou pouco requinte quando teria sido tão fácil desempacotá-lo num prato e acompanhá-lo, por exemplo, com uma folha de hortelã.

Numa semana preenchidíssima, altamente motivadora para todos os militares do GCC e do ERec o que o General Comandante da Brigada tinha para dizer ao Comandante do seu GCC (e por acaso a única unidade de combate montado do Exército Português) era chamá-lo à atenção da prestação sofrível da unidade a servir um almoço a uma delegação estrangeira. Naquele momento interrogava-me se eu era comandante do Grupo de Carros de Combate ou chefe de um serviço de *catering*. Como soldado disciplinado tomei nota das indicações transmitidas, assumi que possivelmente não teria dado a devida prioridade quando comparado com os outros eventos que tinham decorrido nesta tão entusiasmante semana. No mesmo dia partilhei as preocupações do General

Comandante com a minha cadeia de comando para que tivéssemos em atenção as recomendações para eventos futuros. Das inúmeras vezes que o QCav voltou a prestar serviço de *catering* tentámos não cometer as mesmas falhas... e as preocupações com a falta de proficiência técnica das guarnições de CC passaram a ficar, unicamente, no patamar do Cmdt do GCC.

**Aproveitei estes dois eventos, aparentemente diferentes um do outro, para viver a minha convicção que o Comandante se deve envolver no sentido de criar as melhores condições para que as coisas aconteçam e, no caso da sessão de fogos reais, juntamente com quem sabe, participar na elevação dos padrões de exigência e supervisão técnica.**

Durante estas duas primeiras semanas de Março de 2011 (iria ser, como comandante, a primeira sessão de fogos reais do GCC e o primeiro dia de unidade do QCav,) afirmei repetidas vezes aos militares do GCC que estes dois eventos eram, para mim, iguais em importância e, por isso, traduzido num incondicional empenho: o dia da Unidade, onde relembrávamos a nossa história e



Perspetiva da Torre de controlo. O placard da direita tem afixado as tabelas de tiro em execução e o monitor à frente do oficial da direita pertence ao VTE e a extensão de uma câmara que permite a avaliação do tiro na zona dos alvos mesmo à noite, pois é térmica. Os dois oficiais usam braçais da cor correspondente à sua função na Carreira de Tiro.

convivíamos com antigos militares do Quatro de Cavalaria e, no caso desta semana, a sessão semestral de fogos reais. Aproveitei estes dois eventos, aparentemente diferentes um do outro, para viver a minha convicção que o Comandante se deve envolver no sentido de criar as melhores condições para que as coisas aconteçam e, no caso da sessão de fogos reais, juntamente com quem sabe, participar na elevação dos padrões de exigência e supervisão técnica.



Viatura do VTE em apoio ao tiro. Por cima da viatura e no 1º andar da torre é visível a câmara de grande potência que permite observar o tiro com mais detalhe na linha de alvos.

#### NOTAS

- 1 Não precisamos de ir muito longe no tempo mas algumas obras interessantes sobre conflitos atuais: sobre uma perspetiva histórica ver FORTY, George (1993) – *Tank Commanders, Knights of the Modern Age*, Firebird Books, 200 pp; sobre as guerras israelo-árabes, ver KAHALANI, Avigdor (1992) – *The Heights of Courage*, Praeger, 198 pp; sobre as Guerras do Golfo ver VERNON, Alex et al. (1999) – *The Eyes of Orion*, Kent State University Press, 330 pp e EDWORTHY, Niall (2010) – *Main Battle Tank*, Penguin Books, 304 pp.
- 2 O GCC continua a ter um ECC equipado com o CC M60A3TTS apesar do *phasing out* já em curso deste sistema de armas.
- 3 Esta foi uma iniciativa que não consegui operacionalizar. O Oficial de Tiro, Alferes Lopes, fez o projeto de uma ficha individual, onde o Esquadrão registaria todas as sessões de fogo real que o militar em questão fazia, mesmo quando fazendo parte de uma guarnição. A ideia seria ter uma forma de avaliar a progressão do militar e da sua experiência acumulada, algo que poderia ser tido em conta na seleção de cargos ou que podia acompanhar o militar quando fosse transferido de unidade.
- 4 O *Canadian Army Trophy*, mais conhecido por CAT era uma competição de tiro de carro de combate levada a cabo pelas unidades da NATO estacionadas na Europa central. Decorreu de 1963 a 1991 e era o palco de confronto técnico e tático das unidades blindadas no qual as indústrias de defesa dos países fabricantes de carros de combate se empenhavam seriamente.
- 5 O sistema SIMUGUN usado com os M48A5 nunca sofreu o upgrade para o CC M60A3TTS e o sistema VIGGS nunca acabou por ser rentabilizado.

# Perceções

## 1. CONQUISTADO O OBJETIVO... É HORA DE CONSOLIDAR!

Esta é, no nosso entender, a frase que melhor caracteriza o ponto em que nos encontramos. Se por um lado existe o orgulho de termos conseguido atingir o que há muito ambicionávamos, por outro lado existe a certeza de que é necessário continuar a trabalhar com empenho e dedicação. Há que consolidar os “saberes” previamente adquiridos e prepararmo-nos para continuar a conquistar novos objectivos.

Como Segundo Sargentos recém formados existe um sentimento inicial transversal a todos nós, que nos leva a pensar se realmente estamos preparados para todas as situações que vamos encontrar. Se a formação que tivemos foi a suficiente e a mais adequada. Se vamos estar preparados para a realidade que se vive nos quartéis. Se...

Seriam muitas as questões que poderíamos aqui colocar. Porém as respostas a muitas destas questões irão apenas ser dadas ao longo das nossas “carreiras”, tendo em consideração a experiência e a percepção individual que cada um de nós tem sobre esta mesma realidade.

Uma coisa é certa, enquanto formandos, aprendemos as coisas da forma como deveriam ser. Porém nenhum sistema é perfeito e como tal irão surgir ao longo das nossas vidas,

inúmeras variáveis que colocarão à prova os nossos conhecimentos. E serão estas situações que nos levarão a testar esses conhecimentos, de forma a validá-los, refutá-los ou até mesmo produzir novos conhecimentos.

Isto leva-nos a afirmar que a verdadeira “Escola” começa agora. Aqui não importa possuir conhecimentos decorados em forma de ladainha com o objectivo de ter sucesso nas avaliações. Por outras palavras, não importa apenas o “saber saber” importa também “saber fazer” e “saber ser”.

Esta é a grande percepção com que ficámos destas primeiras semanas passadas aqui, no Quartel da Cavalaria.

Na primeira e segunda semana tivemos a oportunidade de acompanhar o 3º Esquadrão de Carros de Combate na preparação e realização de um Exercício. Este tempo foi enriquecedor pois permitiu-nos, à medida que íamos recebendo formação e acompanhando o Exercício, cimentar saberes e ao mesmo tempo conhecer a realidade dos equipamentos e dos recursos humanos.

Foi importante também ver a forma como determinadas situações

e problemas foram ultrapassados. Tudo isto trouxe-nos ensinamentos importantes para futuras situações com que nos venhamos a deparar.

Entendemos assim ser importante desmistificar o pensamento errado e vão de alguns camaradas, que servir no Quartel de Cavalaria em Santa Margarida é servir no “fim-do-mundo”. Tem as suas dificuldades...sim. Tem os seus problemas...sim, mas se “fosse fácil era para outros!”. Como militares de Cavalaria, enfrentamos de frente as adversidades, lutamos e trabalhamos para no meio das mesmas conseguir atingir os nossos objectivos. Aqui “não somos melhores nem piores... somos diferentes” e dia-a-dia, como qualquer militar de Cavalaria, damos o nosso melhor para merecermos “o nome de soldado”.

Consolidação feita... é hora de partir para o novo objectivo!

«- Leopardo 0 aqui leopardo 1 escuto!

- Leopardo 1 aqui leopardo 0 à escuta, transmita!

- Leopardo 0 aqui leopardo 1 aguardo nova missão!

-...»

2ºSarg CAV J. Sá;  
2ºSarg CAV E. Rodrigues;  
2ºSarg CAV M. Guerreiro;  
2ºSarg Cav N. Constantino  
GCC/BrigMec







sempre colaboram e que causam dificuldades ao bom funcionamento da nossa ação.

Executando uma escolta a um UNIMOG, rentabilizou-se o deslocamento para o “Regimento Mecklenburg”, onde de imediato se iniciaram as limpezas de armamento

e palamenta, prática fundamental para conservação deste material.

Finda a primeira parte, que consistiu no treino dos Pelotões executou-se um exercício de armas combinadas com o 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec). Neste exercício validou-se o co-

nhecimento aprendido na semana anterior, executando com sucesso a operação.

Depois de terminado o treino tático, o 3ºECC não viu o seu treino terminado. Os militares tiveram ainda, a oportunidade de efetuar tiro de CC. Municiadores e Apontadores acabados de chegar dos seus respectivos cursos puseram em prática o que lhes fora ministrado. Observar estes militares antes e depois do tiro revelou ser uma experiência gratificante, na medida em que antes, a ansiedade se associa ao medo de que algo corra mal e depois da tarefa cumprida, o sorriso e a satisfação expressas nos seus rostos não deixam margem para dúvidas.

Com a execução deste treino, os militares do 3ºECC beneficiaram da melhor forma de manter e aperfeiçoar as competências adquiridas anteriormente.



## Torre de Instrução para Guarnição do LEOPARD 2A6

**"Treinar procedimentos sem danificar o meio operacional"**

Portugal adquiriu uma torre de instrução do carro de combate Leopard2A6, tendo o Grupo de Carros de Combate nomeado dois sargentos para terem formação sobre a mesma, na Escola da Cavalaria Holandesa, em Amersfoort, no período de 18 a 22 de Junho de 2012.

A torre de instrução permite o treino, monitorização e avaliação de todos os procedimentos referentes aos elementos do compartimento de combate, desde o nível individual até ao de guarnição (chefe de carro, apontador e municionador). É uma réplica exata da torre do carro de combate e de todos os seus componentes. A montagem de um sistema hidráulico permite o municionamento, disparo, saída da munição pelo tubo, extração e ejeção do invólucro das munições de manobra que têm peso e forma real. Tem também um computador com *software* que injeta na torre, por ordem do instrutor, avarias individualizadas e específicas na sua resolução para cada elemento da guarnição. Deste modo, este sistema reveste-se de especial importância tanto como auxiliar de instrução na fase de cursos, como no decorrer do treino operacional, preparação para o tiro ou para operações, deixando de lado a necessidade de utilização do carro real, com toda a poupança que daí

advém, em material e combustível.

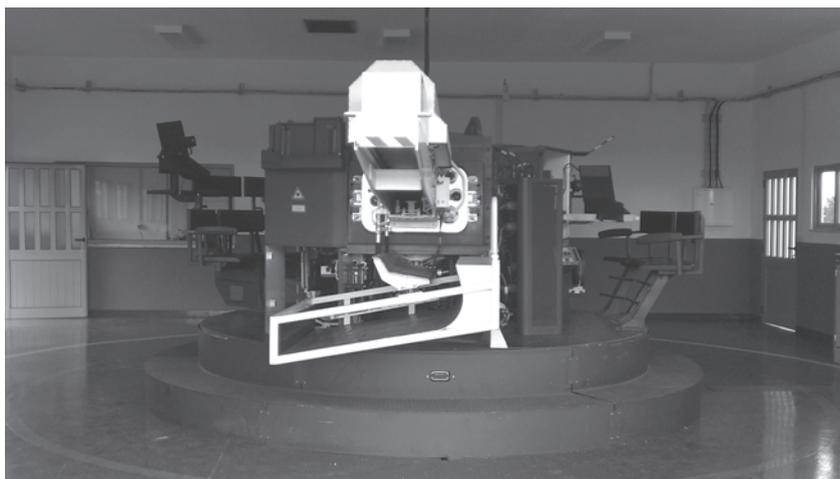
Salienta-se, no entanto, o facto de este sistema, tal como foi adquirido, servir para treinar procedimentos, não sendo útil no treino de pontarias. Para este treino e conduta de tiro o GCC, utiliza o sistema VTE (video training equipment), já referido em artigo anterior.

Nos cursos de chefe de carro, apontador e municionador realizados no ano de 2012 foi utilizada pela primeira vez a torre de instrução. É opinião generalizada dos instrutores e dos instruendos, que a formação de carro de combate no GCC se tornou muito mais interessante, agradável e cativante, tendo os resultados finais obtidos na avaliação dos cursos e principalmente na sessão de tiro real realizada por todos os formandos no mês de dezembro, superado o nível anteriormente alcançado. Mostraram-nos a todos - os que já tinham experienciado a formação

sem este auxiliar - que se deu um enorme salto qualitativo. A título de exemplo, pode referir-se que com a torre de instrução, um instrutor pode dar formação a dez elementos de cada vez, rácio impossível de alcançar no carro de combate, que só possibilita a explicação individual.

Em modo de conclusão, a torre de instrução proporciona mais e melhor treino, o que se traduz numa melhoria das capacidades individuais de cada elemento e da guarnição. A utilização da torre de instrução e do VTE veio colocar a formação de carristas em Portugal ao nível do melhor que se faz no mundo do LEOPARD 2A6.

Este é um sistema utilizado pela Holanda, Alemanha, Grécia, Suíça, Reino Unido, Canadá, Espanha e Suécia colocando-nos a ombrear com os países mais avançados nos sistemas de apoio ao treino de blindados.



Vista frontal Torre com Sistema Disparo Hidráulico.

Saj CAV VICTOR BRANCO  
GCC/BrigMec

# Equitação Militar

## Formação de Formadores

### – O modelo de formação actual

Estando a desempenhar funções directamente relacionadas com a Formação de Formadores de Equitação, entendo ser minha obrigação informar, de uma forma breve e despretensiosa, sobre o actual modelo de formação de formadores de equitação militar.

Para começar, no meu modesto entender, a nossa Instituição tem que garantir a formação de Militares necessários para assegurar a manutenção das funções existentes nas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército. Essas funções não sofreram grandes alterações ao longo do tempo, embora o mesmo não se possa dizer em relação à formação. Assim, se é dado adquirido que, até 1995, a formação de Sargentos Monitores de Equitação Militar *“se destinava essencialmente a ocupar cargos de enquadramento dos Tratadores Hipo e ministrar instrução de equitação aos mesmos, assessorar a gestão das secções de Equitação das Unidades e a chefiar as diligências para competições.”*<sup>1</sup>, a partir dessa mesma data verificou-se um incremento da formação nos Cursos de Monitor de Equitação Militar para que os Sargentos, para além de ficarem aptos para trabalhar e apresentar cavalos, ficassem também aptos para participar activamente na formação de formadores e de praticantes de equitação.

TCOR Cav LUÍS CARLOS GOMES DA SILVA  
CMEFD

Como é também do conhecimento geral o Modelo de Formação de Formadores Militar tem sido adequado para atingir o fim para que foi criado: formar formadores militares com qualidade, para além de garantir, como referi acima, os cargos definidos nos diversos Quadros Orgânicos das UEO do Exército que dizem respeito à Equitação. São exemplos desses cargos o de Chefe da Subsecção de Formação de Equitação do CMEFD (a desempenhar por Oficial com o Curso de Aperfeiçoamento de Instrutores de Equitação, vulgo “Mestre de Equitação”) ou o seu homólogo na Academia Militar, no Colégio Militar, etc.. Entendemos também que o modelo de formação adoptado pela Federação Equestre Portuguesa/ Escola Nacional de Equitação (FEP/ ENE) está alicerçado no modelo de formação militar, inclusive no que

se refere à nomenclatura adoptada para designar os Cursos.

O modelo adoptado pela FEP/ ENE pressupõe uma formação gradual em vários níveis (nível I, II, III e IV), estando prevista a formação modular, complementada com Formação no Local de Trabalho. Consideramos, no caso da Equitação Militar, não ser este modelo de formação modular o mais adequado, tendo em conta a anterior experiência equestre dos formandos, bem como pela especificidade das funções, em que, por exemplo, se tiver que haver deslocação para a realização de exercícios de cariz operacional, será comprometida seriamente a “Formação no Local de Trabalho”, já que tal se destina ao cavaleiro, em conjunto com os respectivos cavalos do Curso. Acrescente-se ainda que os Cursos de Formação de Formadores de Equitação Militar comportam











## Escola Prática de Cavalaria

### ROTARY CLUBE DE ABRANTES REALIZA O 3º CURSO DE LIDERANÇA NA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA



Decorreu no período de 06 a 11 de setembro na Escola Prática de Cavalaria (EPC) o 3º Curso de Liderança, em parceria com o Rotary Clube de Abrantes. Durante uma semana os formandos foram sujeitos a várias provas situacionais onde aplicaram diversos conceitos que lhes foram transmitidos e dos quais se destacam “Gestão de Stress”, “Motivação” e “Poder da Comunicação”. A entrega de Diplomas decorreu durante o jantar de encerramento, na EPC, onde, para além de todos os envolvidos, estiveram também presentes familiares dos formandos e representantes de diversas instituições locais.

### ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA ENTREGA O QUADRO COM A FOTOGRAFIA DE MOUZINHO DE ALBUQUERQUE AO COMANDO DO AGR ÍNDIA/KTM/KFOR



É tradição, quando uma Força de Cavalaria é projetada para um Teatro de Operações, que a EPC entregue ao Comando dessa Unidade, uma fotografia do seu Patrono como fonte de inspiração, desejando-lhe desta forma os melhores sucessos para a missão que vai desempenhar.

Em 11Set12, o Comandante da EPC, em Exercício de Funções, TCor Cav Paulo Zagalo, entregou ao Comandante do Agr Índia/KTM/KFOR, TCor Cav José Talambas, Unidade a ser projetada brevemente para o TO do Kosovo, o quadro com a fotografia do Patrono da Arma de Cavalaria, Joaquim Mouzinho de Albuquerque.

### ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA PRESTA APOIO À REALIZAÇÃO DAS FESTAS DO CONCELHO DE SARDOAL 2012

Integrado nas Celebrações do 481º Aniversário da elevação de Sardeal à categoria de Vila, decorreram entre 21Set12 e 23Set12, naquela vila ribatejana, as Festas do Concelho de Sardeal 2012, com o apoio do Exército Português.

A Escola Prática de Cavalaria, associou-se ao evento, tendo apoiado e coordenado os apoios prestados às diversas atividades desenvolvidas, nomeadamente a montagem e operação da Torre de Multiatividades, a permanência no local da Unidade de divulgação do Exército, do GAP Castelo Branco, a presença de um cavalo e respetivo monitor para a execução de pequenas instruções de volteio e ainda a cedência e montagem dos obstáculos necessários para as diversas provas hípias realizadas.

### ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA PARTICIPA NO DIA DA ASSOCIAÇÃO GESTÃO DO CANIL INTERMUNICIPAL DE ABRANTES



Decorreram em 30Set12 no Aquapolis, em Abrantes, as comemorações do Dia da Associação Gestão do Canil Intermunicipal de Abrantes, com o apoio do Exército Português.

O evento englobou um leque de atividades diversificado, de onde se destacam a IV Exposição de Cães, Concurso Canino, Demonstrações Equestres, Atividades Aquáticas, Festival Musical e Atividades Radicais.

A Escola Prática de Cavalaria associou-se a esta iniciativa, em parceria com a Câmara Municipal de Abrantes e Associação de Defesa dos Animais do Concelho de Abrantes (ADACA), tendo coordenado os apoios prestados às diversas atividades desenvolvidas, nomeadamente a montagem e operação da Torre de Multiatividades, a permanência no local da Unidade de divulgação do Exército do GAP de Tomar, do Centro e Recrutamento de Coimbra e com a presença no local de um cavalo e respetivo monitor para a execução de pequenas instruções de volteio.

### ESPERA DO TPO 2012/13 DE CAVALARIA E ANIVERSÁRIO DAS ESPERAS DOS TPO DE 1962 E 1987

Em 02Out12, teve lugar a tradicional “Espera” dos Aspirantes Tirocinantes de Cavalaria



2012/2013. O evento contou com a presença do Exmo. TGen Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros, Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e de diversos Oficiais de diferentes gerações e destinou-se a receber os 09 (nove) alunos oriundos da Academia Militar. A cerimónia contou de uma marcha a cavalo por terrenos variados, culminando numa carga com o tradicional “A Pê” no interior das instalações da Escola Prática de Cavalaria seguida de um jantar convívio, onde os novos Tirocinantes foram calorosamente recebidos pelas gerações mais “antigas” de cavaleiros e ainda de uma pequena homenagem aos Oficiais dos cursos que fizeram as esperas em 1962 (ouro) e em 1987 (prata), juntando cerca de 120 oficiais na “Casa Mãe da Cavalaria”.

### VISITA DE TRABALHO DO EXMO MGEN DIRECTOR DE FORMAÇÃO DO COMANDO DA INSTRUÇÃO E DOCTRINA À ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA



Em 05Dec12, o Exmo Diretor de Formação do Comando da Instrução e Doutrina, Major - General Ulisses Joaquim de Carvalho Nunes de Oliveira, realizou a primeira visita de trabalho à EPC, tendo como finalidade tomar conhecimento da situação atual da EPC, bem como, perspectivas e aspetos que suscitam preocupações ao Comando da mesma.

### VISITA DE TRABALHO DO EXMO TGEN COMANDANTE DA ACADEMIA MILITAR À ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

Em 12Dec12, o Exmo. Comandante da Academia Militar, TGen Vítor Manuel Amaral Vieira, realizou uma visita de trabalho à EPC, tendo como finalidade tomar conhecimento da situação atual do Tirocinio para Oficial de Cavalaria 2012/13.





# Regimento de Lanceiros nº 2

## APOIO AO CENTRO DE RECRUTAMENTO DE VISEU NA FEIRA DE S. MATEUS



Na cidade de Viseu, no período compreendido entre 31 de Agosto e 7 de Setembro de 2012, o Regimento de Lanceiros N.º 2 marcou presença na conceituada Feira de S. Mateus. A Polícia do Exército (PE) expôs, em Stand montado no pavilhão multiusos, uma panóplia de equipamentos, fardamento e armamento visando divulgar o Exército Português e, em particular, permitir um conhecimento detalhado das áreas de intervenção e das capacidades da PE, de forma a esclarecer potenciais interessados em enveredarem pela carreira militar.

## CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DE COMANDO



No dia 03 de Outubro de 2012, tomou posse como Comandante do Regimento de Lanceiros N.º 2, o Coronel de Cavalaria, Carlos Manuel Siborro Reis.

Recebido à Porta de Armas pelo Adjunto do Comandante, Sargento-Mor de Cavalaria Filipe Nuno de Jesus Casimiro e pelo Comandante da MPCoy/NRF2013, Major de Cavalaria Pedro Alexandre Alves de Carvalho, foi de seguida conduzido para a Parada Marechal Carmona, onde estava formado o Regimento na sua máxima força, incluindo os Lanceiros da UN FP KAIA para o 5º CN/ISAF, tendo sido prestadas as honras regulamentares.

Depois de lido o despacho da sua nomeação e receber o Guião Regimental, o Comandante do RL2 passou revista às Forças em Parada, tendo de seguida usado da palavra onde referiu a inextinguível honra, orgulho e o privilégio de lhe ter sido cometida a missão de comandar o Regimento de Lanceiros N.º 2 e a consciência da enorme responsabilidade de preservar, continuar e, se possível, engrandecer a história do Regimento.

Relevou a importância da participação de todos para que o Regimento continue a cumprir com todo o êxito as missões que lhe forem atribuídas, as áreas onde exercer o esforço e, ainda, os aspetos que considera essenciais e que irão

nortear a sua ação de comando. A terminar, reiterou a certeza de que todos os "Lanceiros", sem exceção, irão continuar a pautar a sua ação por um querer inextinguível na conquista dos objetivos delineados, com lealdade, obediência, disciplina e disponibilidade para bem servir.

Concluída a cerimónia militar, o Excelentíssimo Comandante recebeu, no Salão Nobre, os cumprimentos dos Oficiais, Sargentos, delegação de Praças e dos Funcionários Cíveis do Regimento, tendo de seguida assinado a Ordem de Serviço no seu Gabinete e passado revista à Unidade.

## RENDIÇÃO DA UNIDADE DE FORCE PROTECTION NO AFGANISTÃO



No dia 12 de Outubro de 2012, partiu do Regimento de Lanceiros N.º 2 em Lisboa, rumo ao Teatro de Operações do Afeganistão, uma Força que integra o 5º Contingente Nacional para a "International Security Assistance Force" (ISAF), que tem por missão assegurar a Proteção da Força estacionada do Aeroporto Internacional de Kabul (Force Protection KAIA).

A mesma vai render o anterior Contingente Nacional para o ISAF que partira do Regimento de Lanceiros N.º 2 em 16 de Julho do presente ano.

A Força despediu-se da Unidade mobilizadora, tendo o Exmo. Comandante desejado e manifestado em nome de todos os militares e civis que servem no Regimento de Lanceiros N.º 2, as maiores felicidades no desempenho desta exigente missão.

## NOVO COMANDANTE DO 2EPE

No dia 05 de Novembro de 2012, o Capitão de Cavalaria Eduardo Jorge Pereira Gomes tomou formalmente posse como Comandante do 2º Esquadrão de Polícia do Exército.

Perante o Esquadrão formado na Parada Marechal Carmona, o capitão Gomes recebeu a flamula do Esquadrão formalizando assim a assunção das suas novas funções, tendo de seguida passado revista às tropas.

A cerimónia da Tomada de Posse na Parada Marechal Carmona culminou com um desfile do Esquadrão perante o seu novo Comandante.



Já na Sala de Espadas do Regimento de Lanceiros N.º 2, o novo Comandante de Esquadrão dirigiu-se aos Oficiais, Sargentos e Praças presentes, tendo manifestado a sua satisfação e honra pelas funções agora iniciadas.

## CERTIFICAÇÃO DA MP COY NRF 2013

O Exército Português participa na NATO RESPONSE FORCE 2013 com uma Companhia de Polícia Militar que iniciou o seu aprontamento em Janeiro e culminou com a certificação da Força em Dezembro de 2012.

Esta companhia foi preparada para poder atuar em todo o espectro de operações onde as Forças da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) possam ser chamadas a intervir e mantendo uma prontidão de sete dias para ser projetada para o Teatro de Operações.

Constituída por noventa militares e com capacidade autossustentável durante trinta dias, esta Força de Polícia Militar realizou no período compreendido entre 03 e 13 de Dezembro um exercício de campo no Campo Militar de Santa Margarida onde treinou as operações típicas de Polícia Militar. A Companhia foi inspecionada por uma equipa de inspetores da Inspeção Geral do Exército, abrangendo as diversas áreas, liderada pelo Coronel Tirocinado Luís Nunes da Fonseca, a qual efetuou a avaliação operacional da Força. Após esta avaliação, a MPCoy ficou certificada e pronta a iniciar o seu período de prontidão (Stand-By) que decorrerá durante o ano de 2013.

## FESTA DE NATAL 2012

Sendo o Natal a festa da família, também a família dos Lanceiros se reuniu no passado dia 19 de Dezembro de 2012 para celebrar esta quadra. Este dia de convívio entre todos os militares e civis que servem no Regimento e suas famílias, iniciou-se com atividades lúdicas para as crianças realizadas no pavilhão gimnodesportivo.

Dado o significado cristão desta época, celebrou-se uma missa na Capela do Regimento, seguida de uma visita aos presépios realizados pelas diversas Subunidades.

A festa dos Lanceiros continuou com a concentração no Refeitório Geral, onde se realizou um almoço convívio antecedido pela alocução relativa à quadra natalícia feita pelo capelão da Unidade e pelas missivas de boas festas do Comandante do Regimento e do Exmo. Major-General Adjunto do Comando das Forças Terrestres, Major-General Martins Ribeiro, que honrou o Regimento com a sua visita neste dia tão especial. Realce ainda honrosa atuação da Orquestra Ligeira do Exército, tocando variados temas natalícios.





# Regimento de Cavalaria n.º 3

## COMEMORAÇÕES DO 305.º ANIVERSÁRIO DO REGIMENTO DE CAVALARIA 3 - ESTREMOZ



No âmbito das Comemorações do seu 305.º Aniversário, o Regimento de Cavalaria 3, em Estremoz, preparou um vasto programa de eventos culturais e desportivos, que se cumpriu entre o dia 07 e o dia 21 de Setembro de 2012 e de onde se destacam os seguintes: A tradicional Marcha a cavalo entre Elvas e Estremoz; o 4.º Passeio Todo-o-Terreno do RC3, o 1.º Passeio de Automóveis Clássicos do RC3; o Passeio de BTT; o Torneio de Futebol de Salão e a Exposição de uma Coleção particular de armamento, miniaturas de viaturas militares e miniaturas de militares em chumbo, que tomou por título: “A História em Tempo de Guerra” e teve lugar na Sala do Capítulo, do RC3.

As comemorações do 305.º Aniversário dos “Dragões de Olivença”, culminaram com a cerimónia militar, que se realizou no dia 21 de Setembro de 2012, na parada do Regimento de Cavalaria 3 e terminou com o desfile das forças, pelo centro da Cidade de Estremoz. A cerimónia foi presidida por Sua Excelência o Diretor Honorário da Arma de Cavalaria, o TGEN Luis Miguel de Negrais Morais de Medeiros, contando ainda com a presença do Exmo General António Eduardo Martins Barrento, o Exmo TGEN Diretor da Instrução e Doutrina, Francisco António Correia e o Exmo MGEN Diretor da Instrução, João Santos de Carvalho. De assinalar ainda, a presença de muitos outros Oficiais Generais e a presença, sempre dignificante, de antigos Comandantes do Regimento, dos Presidentes de Câmara de Estremoz, Sousel, Borba e Vila Viçosa, entre outras individualidades. De referir a presença de duzentas crianças, alunos do ensino básico do Agrupamento de Escolas de Estremoz.

Terminada a cerimónia, foi realizada a apresentação formal do “restyling” do Monumento aos Mortos em Campanha, do RC3, obra realizada pelo Artista Francisco Charneca.

## CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DE COMANDO DO RC3 DO COR CAV JOÃO NABAIS - 09NOV12



Decorreu no dia 09 de Novembro de 2012, pelas 10H00, a cerimónia de tomada de posse de Comando do Regimento de Cavalaria 3, o Coronel de Cavalaria João Francisco Fé Nabais. Nesta cerimónia as Forças em Parada prestaram continência ao Exmo. Comandante, após o que, foi efetuada a leitura do Despacho de Nomeação do Exmo. Cor Cav João Nabais, foi efetuada a leitura dos seus dados biográficos e efectuada a passagem do Guião do Regimento pelo Exmo. 2.º Comandante, TCOR CAV Abel de Jesus Sequeira Matroca. De seguida, o Exmo. Comandante passou revista às Forças em Parada, efectuou a sua primeira alocução às mesmas e presidiu ao desfile das forças em continência ao novo Comandante do RC3. Terminada a cerimónia de tomada de posse, o Exmo Comandante COR CAV João Nabais recebeu a apresentação de cumprimentos dos Oficiais e Sargentos do Regimento, na sala do Capítulo.

## CROSS TRAINING DO EREC/BRIGRR COM O 2BPARA/FNDKFOR - 04 A 06DEC12



Decorreu no Campo Militar de Santa Margarida, de 04 a 06DEC12 um *Cross Training* entre ERec/BrigRR e o 2BIPara/FND/KFOR.

Trinta e dois militares do ERec/BrigRR, ministraram instrução e auxiliaram na prática de condução das VBL REC PANHARD M11 aos militares do 2BIPara, já certificados, assim como no treino dos apontadores das MPes Browning 12,7mm e M11g Bro-

wning 7,62mm, tendo sido possível realizar tiro montado na viatura M11.

No final, ficou o sentido de dever cumprido, sendo destacado o elevado profissionalismo e exemplar conduta na forma como os Militares do Esquadrão de Reconhecimento conduziram o *Cross Training*.

## FOGOS REAIS DO EREC/BRIGRR NO CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA - 06DEC12

De acordo com o Plano de Treino Operacional do ERec/BrigRR, decorreu na região do Campo Militar de Santa Margarida, a 06 de Dezembro de 2012, uma sessão de fogos reais, onde participou o ERec/BrigRR com seu efetivo total. O exercício teve como finalidade executar tiro de manutenção de viatura M11, nomeadamente Browning.30, .50 e ainda MG3. Este tipo de componente tem como objectivo a preparação dos militares para ações de combate, nomeadamente, ações no âmbito dos compromissos internacionais. O Pelotão de Morteiros também realizou fogos reais, tarefa inerente à sua missão de apoio de fogos ao Esquadrão. A realização deste exercício permitiu, ainda, melhorar a proficiência em algumas tarefas críticas, nomeadamente, o municiar e a resolução de falhas de tiro no armamento orgânico deste Esquadrão.

## CURSOS DE CONDUÇÃO DE CATEGORIA B-LIGEIROS, C-PESADOS E ESTÁGIOS DE CAT. B (TODO-O-TERRENO)



No terceiro quadrimestre do ano de 2012, foram ministrados no Regimento de Cavalaria 3: 1 (um) curso de Condutores de Categoria B, onde frequentaram e terminaram, com sucesso, 15 (quinze) militares; 2 (dois) cursos de Condutores de Categoria C, onde frequentaram 100 (cem) e terminaram, com sucesso, 98 (noventa e oito) militares e foram ministrados também 5 (cinco) Estágios de Categoria B ou Todo-o-terreno, onde frequentaram 55 (cinquenta e cinco) e terminaram, com sucesso, 54 (cinquenta e quatro) militares.





## Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria n° 4

### VI CONCURSO NACIONAL COMBINADO DO QUARTEL DA CAVALARIA 2012



Decorreu nos dias 13, 14 e 15 de Setembro de 2012, o VI Concurso Nacional Combinado (CNC) do QCav/BrigMec, destinado a cavaleiros militares do Exército e da GNR, a alunos da Academia Militar, da Escola de Sargentos do Exército e do Colégio Militar, e a cavaleiros civis convidados.

Foram organizadas provas de três níveis – Iniciação, Preliminar e 1\* - compreendendo, cada uma delas, uma Reprise de Ensino, uma Prova de Fundo (Cross) e uma Prova de Obstáculos.

Realizou-se, ainda, uma Prova OPEN de Obstáculos para quatro níveis (0,50m, 0,80m, 1,0m e 1,10m) que permitiu a inscrição e execução sem carácter classificativo para o CNC.

O CNC contou com a participação de 82 conjuntos, 36 do Exército, 10 da GNR e 36 civis, de onde se destacam os seguintes vencedores:

**PROVA INICIAÇÃO:** Al CM Francisco Núncio, do CM, montando “Bohémió”

**PROVA PRELIMINAR:** Maj Cav Carvalho, do RL2 montando “Ultimato”

**PROVA 1\*:** Ten GNR Maio, montando “Zebedeu”

**PROVA OPEN 0,80M:** Alf Couto, do CMFED, montando “Bandiet”

**PROVA OPEN 1,00M:** Cor Cav S. Melo, do CMFED, montando “Paxa de Foja”

**PROVA OPEN 1,10M:** Ten GNR Maio, montando “Zebedeu”

### TREINO OPERACIONAL DO 3ECC



No período de 15 a 18OUT12 o 3ECC, equipado com o CC M60 A3 TTS executou um exercício tático de Esq/SubAgr com o efetivo disponível com forças do 1BIMec. Este exercício permitiu consolidar e validar o treino de guarnição e Pelotão ao nível das tarefas e

procedimentos de sobrevivência em campo de batalha, execução de uma marcha tática, ocupação de uma ZRn e ainda outras tarefas táticas inerentes a uma Operação Ofensiva. Culminou com uma Sessão de Fogos Reais de CC, com todos os sistemas de armas do CC M60 A3 TTS, cumprindo assim os objetivos de treino definidos.

### CURSOS DE CC LEOPARD 2 A6

Entre os meses de Setembro e Dezembro, ministraram-se os cursos para a formação das guarnições do CC Leopard 2 A6, à responsabilidade do GCC/BrigMec: curso de municiadores de CC de 19 Setembro a 04 de Outubro, com um total de 102 horas, concluído por 33 formandos; curso de apontadores CC de 08 de Outubro a 09 de Novembro com um total de 156 horas, concluído por 10 formandos; curso de condutores de CC de 12 de Novembro a 14 de Dezembro com um total de 162 horas, concluído por 11 formandos e o curso de chefe de carro de 22 de Outubro a 14 de Dezembro com um total de 264 horas, concluído por 21 formandos. Realizou-se em 12 de Dezembro uma sessão de fogos reais com a participação de todas as guarnições formadas no decorrer dos cursos acima referidos, teve por fim a validação da instrução.

### VISITA DO MDN AO QCAV



No dia 13Nov12, no âmbito de uma visita à BrigMec, o MDN visitou o QCav, a fim de se familiarizar com o principal sistema de armas do Exército português. Esta visita permitiu ainda mostrar à comitiva que acompanhava o MDN, as potencialidades do simulador Torre de Instrução e do sistema *Video Training Equipment*, mediante uma demonstração levada a cabo por militares do GCC e muito apreciada pelos presentes.

### JORNADAS DIA DA DEFESA NACIONAL (DDN)



De 26 de Outubro a 05 de Dezembro, realizaram-se no Quartel da Cavalaria, as Jornadas do Dia da Defesa Nacional. Estas Jor-

nadas têm por finalidade receber diariamente um conjunto de jovens (cerca de 130 jovens), previamente convocados para se apresentarem, a fim de serem sensibilizados sobre a Defesa Nacional e o papel das Forças Armadas e sobre as actuais formas de prestação de serviço militar.

A actividade é conduzida através de um conjunto de atividades que vão das palestras à mostra de materiais orgânicos das Unidades da BrigMec.

### CURSO DE INSTRUTORES MÍSSIL TOW



No período de 12 de Novembro a 23 de Novembro o ERec ministrou o Curso de Instrutores de Míssil TOW a Oficiais e Sargentos de várias Unidades do Exército tendo todos os instruendos terminado o curso com aproveitamento. A cerimónia de encerramento decorreu no Museu do QCav, tendo sido impostos os crachás do curso e distribuídos os respectivos diplomas.

### APOIO À EPC INSTRUÇÃO CC AO TPO E CFS

Em 28 de Novembro o GCC apoiou a EPC na execução dos Fogos Reais dos cursos TPO e CFS de Cavalaria.

No período de 22 de Novembro a 27 de Novembro o GCC apoiou a EPC na instrução de Tática de Unidades de Carros de Combate para o TPO de Cavalaria.

No período de 29 de Novembro a 04 de Dezembro o GCC apoiou a EPC na instrução de Tática de Unidades de Carros de Combate para o TPO de Cavalaria.

### CORRIDA EX-SOLDADO DIAMANTINO PIRES GARÇÃO 10KM



No dia 06 de Dezembro decorreu a corrida mensal *Ex-Soldado Diamantino Pires Garção*, normalmente tem uma extensão de 5Km e duas vezes por ano são 10Km. Esta de Dezembro teve a distância de 10Km. Contou com a participação de todos os militares e civis da Unidade.



# Regimento de Cavalaria nº 6

## VISITAS AO RC6



No período de setembro a dezembro de 2012, o RC6 recebeu várias visitas das quais se destacam:

Em 07Out12, o RC6 recebeu a visita de uma delegação composta por 26 elementos pertencentes ao Clube de Portugal Alfa Romeu;

Em 14Nov12, o RC6 recebeu a visita do Exmo 2Cmnd da Brigada de Intervenção Cor Inf José António Coelho Rebelo;

Em 11Dec12, o RC6 recebeu a visita do Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Carlos Henrique de Aguiar Santos;

Em 12Dec12, o RC6 recebeu a visita de despedida de S.E.R D. Januário Torgal Ferreira;

Escolas: visitaram o Regimento 352 crianças e 63 adultos oriundos de diversos estabelecimentos de ensino, creches e jardins-de- infância da região de Braga.

## APOIOS



De setembro a dezembro de 2012, o RC6 efetuou diversos apoios a entidades civis e militares tais como o 17.º Encontro dos Antigos Militares do Ex-RI8, Arquidiocese de Braga, Carclasse, Câmara Municipal de Fafe, Sociedade de Tiro de Braga, Braga 2012 - Capital Europeia da Juventude, Banco Alimentar Contra a Fome, Clube Alfa Romeu, FNAC, Universidade do Minho, Núcleo de Estudantes de Medicina da Universidade do Minho, Clube de Orientação do Minho, Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho, Universidade Católica do Porto, Hospital de Braga e ao Instituto Português do Sangue e da Transplantação, Encontro de Ex Militares prisioneiros do Estado Português da Índia, Paróquia de Santa Maria Maior em Barcelos, Escola Dr. Francisco Sanches, Paróquia de S. Victor e Projeto T3tris.

## DIA DA DEFESA NACIONAL

De 13Set12 a 26Out12 e de 20Nov a 20Dec12 decorreu a 1ª fase da 9ª Edição do

Dia da Defesa Nacional com cerca de 6 903 jovens cidadãos de ambos os géneros.

## ESCOLA DE QUADROS



Decorreu no período de 05Nov12 a 16Nov12 uma Escola de Quadros destinada a 01 oficial, 02 Sargentos e 17 Cabos. Esta atividade teve como principal objetivo o desenvolvimento das capacidades de liderança e aquisição de técnicas e procedimentos de TIC, por parte dos novos graduados recém apresentados do Regimento. Serviu igualmente para familiarizar os novos militares com a vivência própria dos "Dragões D'Entre Douro e Minho".

## SISTEMA DE VIDEOVIGILÂNCIA

O Regimento continua a melhorar o seu sistema de videovigilância. A sala de controlo de todas as câmaras que existem na Unidade, ficou concluída no final de 2012, contribuindo de forma decisiva para o aumento da segurança da Unidade.

## EXERCÍCIOS MILITARES



Os EOp do "6", GAM e ERec, participaram, no período, no Exercício "Dragão 12", de 10 a 21Set12, em Mangualde, Viseu com 12 Oficiais, 33 Sargentos e 137 Praças e 30 viaturas;

De 03 a 07DEC12, três Oficiais e seis Sargentos da Unidade, participaram no Exercício Medula, no RI19.

## CERIMÓNIAS MILITARES



Em 28Out12 o RC6 participou com o GAM a dois Esquadrões, cada a dois Pelotões, nas comemorações do Dia do Exército que decorreram na cidade das Caldas da Rainha.

## OUTROS EVENTOS

O RC6 realizou e esteve presente em várias comemorações e cerimónias de cariz militar e religioso, das quais se destacam a Cerimónia Dia de Finados em Braga, Cerimónias de Inauguração da Estátua de S. Nuno de Santa Maria, em Barcelos, e a Cerimónia Comemorativa do Dia do Armistício em Braga.

## RC6 EM MOVIMENTO

Em 25 e 26Out12, participação da Unidade na Competição Desportiva Militar (CDM) de Corta Mato Fase II/Brigada no RI19, sagrando-se campeã absoluta da Brigada;

De 29 a 30Nov12 participações de militares na CDM de Corta Mato Fase III - Exército na Brigada Mecanizada.

Realização de 3 edições da Corrida Mensal do RC6. Organização em 14Dec12 na Corrida São Silvestre de Braga-2012 que contou com a presença das atletas olímpicas Fernanda Ribeiro, Dulce Félix e Sara Moreira.

## FAMÍLIA MILITAR

Em 12Nov12, o RC6 comemorou-se o Dia de S. Martinho com um convívio de todos os militares e civis da Unidade.

Neste âmbito foram desenvolvidas várias atividades desportivas, nomeadamente um Torneio de Futebol 11 e Torneio de Voleibol.

Foi celebrada uma Eucaristia alusiva ao dia de S. Martinho e um evento gastronómico de confraternização.

- Em 19Dec12, comemorou-se a Quadra Natalícia que constituiu como um momento especial de comunhão de fé, aproximação e convívio de toda a família militar. Foram desenvolvidas algumas atividades desportivas, com destaque para um torneio futebol 5. Foi celebrada uma Eucaristia e um almoço convívio entre militares e funcionários civis (extensivo aos familiares) que prestam serviço no regimento.

## INFRAESTRUTURAS

O RC6 desenvolveu várias ações de construção, melhoramento e renovação de inúmeras instalações, nomeadamente nas instalações sanitárias de duas casernas e a colocação de azulejos na Messe de Oficiais. Iniciou-se, igualmente, a construção do segundo campo de voleibol da Unidade.

## CONFERÊNCIAS/PALESTRAS

De 03 a 07Set12, os RC6 realizaram-se várias Palestras no âmbito da Prevenção e Combate a Droga e Alcoolismo.

## HOMENAGEM

Em 08Dec12, o RC6 foi homenageado em cerimónia pública, pela Junta de Freguesia de S. Vicente, pela política de proximidade, solidariedade e de apoio junto das populações locais e regionais.





# Centro Militar de Educação Física e Desportos

## CAMPEONATO DO MUNDO DE TÉCNICAS DE RANDONÉE EQUESTRE DE COMPETIÇÃO (TREC) 2012



De acordo com o Protocolo de Colaboração assinado entre o Exército Português, a Federação Equestre Portuguesa, a Câmara Municipal de Mafra e a Tapada Nacional de Mafra, realizou-se no CMEFD, de 07SET12 a 09SET12, o Campeonato do Mundo de Técnicas de Randonnée Equestre de Competição (TREC) 2012.

A modalidade de TREC, nasceu em 1985 em Allan, França. Consiste num Percurso de Orientação e Regularidade (POR), no qual os pontos-chave são seguir o itinerário marcado numa carta, respeitando as velocidades impostas e com várias dificuldades topográficas, numa prova denominada Medição de Andamentos e num Percurso em Terreno Variado (PTV), que, ao longo de 2 a 5 km, terão de ultrapassar 12, 16 ou 18 dificuldades.

Portugal organizou pela 1ª vez o Campeonato do Mundo desta modalidade, acolhendo a vila de Mafra este Mundial que contou com a participação de 114 cavaleiros, oriundos de 14 países, representando os Continentes Europeu, Americano e Africano.

Dia 7 de Setembro, pelas 17h30 decorreu a Cerimónia de Abertura com a presença de diversas entidades, das quais se destacam o MGen Director de Formação Santos Carvalho, o Vereador da Câmara Municipal de Mafra Dr. José Bizarro, o Adjunto do Secretário de Estado da Juventude e Desporto Dr. Paulo Marcolino, o Comandante do CMEFD Cor Cav Simões de Melo, o Presidente da FITE Sr. Hervé Delambre, o Presidente da Federação Equestre Portuguesa Dr. Pereira de Moura e o Diretor do Parque Nacional da Tapada de Mafra Eng.º Ricardo Paiva.

Esta cerimónia contou com a participação da "Reprise" da Escola de Mafra.

Dia 8 de Setembro, pelas 06h30 teve início o POR (Percurso de Orientação e Regularidade) com a saída dos primeiros concorrentes, que se realizou na Tapada.

Dia 9 de Setembro na parte da manhã realizaram-se a MA (Medição de Andamentos) e PTV (Percurso em Terreno Variado), tendo lugar da parte da tarde a Cerimónia de Encerramento onde foram condecorados os vencedores, cerimónia presidida pelo Comandante do CMEFD Cor Cav Carlos Nuno Gomes e Simões de Melo.

## CAMPEONATO NACIONAL MILITAR DE DUATLO EM BICICLETA TODO-O-TERRENO 2012 - FASE FORÇAS ARMADAS



No âmbito das Competições Desportivas Militares do ano de 2012, decorreu no Centro Militar de Educação Física e Desportos, no período de 20/21 de Setembro, o III Campeonato Nacional Militar de Duatlo em Bicicleta todo-o-terreno (Fase Forças Armadas). Neste Campeonato participaram 38 atletas representando, a Armada, o Exército, a Força Aérea Portuguesa e a Polícia de Segurança Pública.

A Competição Feminina disputou-se num único escalão, sobre um percurso combinado de 2,5 Km de corrida, 10 Km de ciclismo em BTT e 1,25 Km de corrida, contando com a presença de 04 atletas.

A Competição Masculina disputou-se em dois escalões (até 40 anos e mais de 40 anos), sobre um percurso combinado 5 Km de corrida, 20 Km de ciclismo (BTT) e 2,5 Km de corrida, contando com a presença 34 atletas, 20 no 1º Escalão e 14 no 2º Escalão.

Estiveram presentes os representantes da Comissão de Educação Física e Desporto Militar, Armada, Força Aérea e Polícia de Segurança Pública tendo presidido à Cerimónia de Encerramento e Entrega de Prémios o Comandante do CMEFD, Cor Cav Simões de Melo.

## 101º ANIVERSÁRIO DO CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Comemora-se anualmente no dia 16 de Novembro o aniversário do Centro



Militar de Educação Física e Desportos, este ano, por despacho de 25OUT12 de SExa GEN Chefe do Estado-Maior do Exército este dia foi celebrado a 19NOV12.

Presidiu à cerimónia SExa GEN Chefe do Estado-Maior do Exército Artur Neves Pina Monteiro.

A sessão solene foi marcada pela imposição da Medalha de Ouro de Serviços Distintos. Este dia ficou marcado igualmente pela apresentação do Livro comemorativo do Centenário do Centro e pela homenagem ao falecido Cor Cav Nuno Bívar.

Foram também entregues as respectivas condecorações a vários militares deste Centro Militar.

## INSPECÇÃO TÉCNICA DE SEGURANÇA, COMUNICAÇÕES E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (ISCSI), AO CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS



Realizou-se dia 15DEC12 a Inspeção Técnica de Segurança, Comunicações e Sistemas de Informação ao Centro Militar de Educação Física e Desportos, com o objectivo de avaliar a forma como a Unidade tem planeadas e implementadas as medidas tendentes a garantir a segurança do pessoal, das informações, do material e instalações, dos sistemas de informação, comunicações e guerra electrónica.

A equipa de inspeção foi chefiada pelo Cor Cav Fernandes dos Santos.



# Unidade de Segurança e Honras de Estado / GNR

## VISITA À UNIDADE DO EXMO. DIRETOR GERAL DA GENDARMERIE DA JORDÂNIA

O Diretor Geral da Gendarmerie Jordana, Tenente General Tawfiq Al-Tawalbeh, bem como o Ajudante de Campo, Major Amer Almohtasib, visitaram, dia 19 de outubro de 2012, a Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE).

Foram escoltados por militares do 2º Esquadrão do Grupo de Honras de Estado (GHE) até ao Comando da USHE, onde foram recebidos por uma Guarda de Honra do Esquadrão Presidencial com a Banda e Fanfarra.



Após almoço na Unidade, a entidade, Tenente General Tawfiq Al-Tawalbeh acompanhado de Sua Ex.<sup>a</sup> o Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente General Newton Parreira, dirigiram-se ao 4º Esquadrão/GHE onde foram recebidos pelas Forças em Parada que prestaram as devidas honras militares. Na parada encontravam-se formados 1 Pelotão de Batedores, Charanga a Cavallo, Comando do GHE, 1 Esquadrão a Cavallo, 1 Pelotão Moto, 1 Pelotão RMOP e 1 Força MOP de Infantaria e Cinotecnia.



Seguiu-se um discurso explicativo sobre a USHE, as suas valências e efetivo, com ênfase nas diferentes missões desempenhadas pelo GHE, ou seja, as missões dos Esquadrões de Cavalaria. No desenrolar da cerimónia, e após atuação da Banda, que executou «Hashmi», música tradicional Jordana, deu-se o desfile das Forças em Parada, culminando com uma demonstração de intervenção de Ordem Pública.

Do programa da visita constou também a passagem pela oficina siderotécnica e hospital veterinário, parte fundamental de uma Unidade a cavalo, terminando com a exibição da Reprise no Picadeiro Tenente-coronel Martins Abrantes, seguida da assinatura do Livro de Honra da Unidade.

## CERIMÓNIA DE ENTREGA E POSSE DE COMANDO DA UNIDADE DE SEGURANÇA E HONRAS DE ESTADO

A cerimónia de entrega e posse de comando, do Comandante da Unidade de Segurança e Honras de Estado, Major General João Paulo Silva Esteves Pereira, teve lugar no dia 5 de novembro de 2012.

A cerimónia militar teve início pelas 10h30 na parada do 4º Esquadrão.

As forças em parada eram constituídas pelo Comando, Estado-Maior, Banda e Fanfarra, 1 Companhia de Infantaria do Grupo de Segurança, 2 Esquadrões a cavalo, 1 Pelotão motorizado, 1 Pelotão Ciclo, a Charanga, todos do Grupo de Honras de Estado e 1 Pelotão do Esquadrão Presidencial.



Deu-se início à cerimónia militar com a leitura do despacho de nomeação do Exmo. Comandante da USHE, Major General João Paulo Silva Esteves Pereira, após o mesmo ter recebido as honras devidas pelas Forças em parada, seguindo-se a leitura da síntese curricular. De imediato procedeu-se à entrega do Estandarte da Unidade ao novo Comandante. Depois deste momento de grande significado, o novo Comandante da USHE passou revista às forças em parada, tendo, de seguida, proferido uma alocução de posse de comando.

Após o desfile das Forças em parada, o Comandante empossado reuniu-se com



os Oficiais da Unidade, seguidamente com os Sargentos e uma Delegação de Guardas representativa de cada subunidade.

## POULES DE ENSINO

Decorreram nos dias 13 e 14 de dezembro, na Unidade de Segurança e Honras de Estado, as Poules de Ensino da Guarda.

Previstas nas Normas de Atividade Equestre, as Poules de Ensino, são abertas a todos os cavaleiros da GNR, sendo obrigatória a participação a todos os Oficiais dos Esquadrões a Cavallo e aos militares que tenham Montadas de Desporto distribuídas para a modalidade de ensino. Este ano, o número total conjuntos inscritos foram 60.

As Poules de Ensino são disputadas em 4 níveis distintos. O **Grau Preliminar**, destinado a militares que não tenham participado em provas de *dressage*, ou ainda, a cavaleiros que montem cavalos debutantes até 6 anos de idade inclusive. O **Grau Elementar**, destinado aos conjuntos que já entraram em provas de *dressage* de grau preliminar ou elementar e cavaleiros que montem cavalos com o mínimo de 5 anos de idade, desde que os mesmos não tenham participado em provas dos dois graus seguintes. O **Grau Médio**, destinado a conjuntos que tenham participado em provas de *dressage* de grau elementar ou médio e o **Grau Complementar**, destinado a conjuntos que tenham participado em provas de *dressage* de grau médio ou complementar.

Este ano os vencedores foram os seguintes:

**Grau Preliminar**, Tenente Maio do 3E/GHE/USHE com Bartolo;

**Grau Elementar**, Capitão Tomé do 4E/GHE/USHE com Cardhu;

**Grau Médio**, Capitão Tomé do 4E/GHE/USHE com Beethoven;

**Grau Complementar**, Tenente Fernandes do 4E/GHE/USHE com Valquíria.



# Indigitações e Nomeações

## PROMOÇÕES:

### C CAP Cav:

TEN EDUARDO JORGE PEREIRA GOMES

TEN FLÁVIO DE JESUS DA GRAÇA LIMA

TEN MIGUEL ÂNGELO DA COSTA JORGE

TEN GONÇALO NUNO ASCENSO SILVESTRE

TEN ANDRÉ FILIPE CAPINHA MAIO

TEN RICARDO FILIPE FERREIRA OLIVEIRA

TEN RICARDO FILIPE FERREIRA OLIVEIRA

TEN GONÇALO NUNO M. CARVALHO MORAIS  
MEDEIROS

### TEN Cav:

TEN GRAD SERGIO GODINHO BRANDAO NUNES

ALF LUIS FERNANDO SOUSA TEIXEIRA PINTO

ALF ANDRE LUCAS DE ALBUQUERQUE

ALF ANA ISABEL CARVALHO LEONARDO

ALF SERGIO FILIPE CORREIA DUARTE

ALF LUIS GONZAGA BOTELHO FERNANDES

ALF AUGUSTO JORGE CABECINHA QUARESMA  
FURTADO DE ALMEIDA

### SCH Cav:

SAJ AMÉRICO DAS NEVES PRATAS

### 1SAR Cav:

2SAR FÁBIO EMANUEL DO ROSÁRIO LAFORET

1SAR GRAD HÉLDER PEDRO DE SOUSA GOMES

2SAR BRUNO RICARDO FERREIRA GUERREIRO

2SAR MÁRCIO FILIPE MARTINS DE SOUSA

2SAR VÁLTER ANTÓNIO BENTO VIEIRA

2SAR JOSÉ DAVID FIGUEIRA HENRIQUES

2SAR JOÃO PAULO OLIVEIRA PIRES

1SAR GRAD MARCO ANTÓNIO BOYOL DA SILVA

## INDIGITAÇÕES:

CAP Cav JOSÉ MANUEL COSTA DA SILVA BARRADAS,  
Acessor do projeto “COOPERAÇÃO TÉCNICO MILITAR COM  
A REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE – PROJETO Nº 8 – ESCOLA  
DE SARGENTOS DAS FORÇAS ARMADAS”

TCOR Cav RUI MANUEL SEQUEIRA DE SEIÇA, Diretor  
Técnico do projeto 3 – Polícia Militar, na Cooperação Técnico-  
Militar com a RCV.

## NOMEAÇÕES:

COR Cav JOSÉ CARLOS CORDEIRO AUGUSTO, IGE.

COR Cav PAULO RENATO FARO GEADA, CFT.

COR Cav PAULO RENATO FARO GEADA, Comandante  
do 6º CN/ISAF, com início de missão previsto para o 1º  
Semestre de 2013

CAP Cav PAULO FERNANDES  
AM



## SISTEMA DE ARMAMENTO CT-CV™ DE 105 MM

testado com sucesso no Pandur II 8x8  
no Campo Militar de Santa Margarida  
em Dezembro de 2007



Graphic Design: Viñalabe (3485) • Photos: CMI



# PANDUR Always ready for Operation

DEFENSE SOLUTIONS  
FOR THE FUTURE



**GENERAL DYNAMICS**  
European Land Systems